



Fortaleza escrita na praça

• Ana Márcia Diógenes • Cris Rosa
• Emanoelli Soares Farias
(Organizadoras)

Luciana

EDIÇÕES
INESP

Coletivo
EscreViventes



Fortaleza escrita na praça





Ana Márcia Diógenes
Cris Rosa
Emanoelli Soares Farias
(Organizadoras)

Fortaleza escrita na praça



**INSTITUTO DE ESTUDOS
E PESQUISAS SOBRE
O DESENVOLVIMENTO
DO ESTADO DO CEARÁ**

Fortaleza, Ceará
2023

Copyright by Inesp © 2023

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS
SOBRE O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ - INESP

Diretor Executivo do Inesp
João Milton Cunha de Miranda

Assistente Editorial
Valquíria Moreira
Rachel Garcia

Projeto gráfico e Diagramação
Valdemice Costa de Sousa (Valdo)

Ilustração da Capa
Luciana Braga

Revisão
Beatriz Caldas
Cris Rosa
Emanoelli Soares Farias
Gustavo Vasconcelos

Colaboração
Ernandes do Carmo

Assessoria de Comunicação
Luzia Batista

Catalogado por Herbenio de Souza Bezerra CRB-3/1613

F736 Fortaleza escrita na praça [recurso eletrônico] / Ana Márcia Diógenes, Cris Rosa, Emanoelli Soares Farias, organizadoras. – Fortaleza : INESP, 2023. 120 p. : il. color ; 5010 Kb.

Modo de acesso: World Wide Web.
ISBN 978-85-7973-203-4

1. Literatura cearense - Contos. 2. Fortaleza – Praças – Ficção. 3. Coletivo Escriventes. I. Diógenes, Ana Márcia. II. Rosa, Cris. III. Farias, Emanoelli Soares.

CDD 869.30198131

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS ÀS EDIÇÕES INESP.

A presente obra não poderá ser comercializada e sua reprodução, total ou parcial, por quaisquer meios reprográficos ou digitais, deverá ter a autorização prévia do Inesp.



*Coletivo
EscreViventes*



Apresentação

As cidades conversam com seus habitantes, que são, também, seus criadores e usufruem de suas ruas e praças. Estas, por sua vez, facilitam a integração dos cidadãos. São bancos que possibilitam encontros, árvores que os romantizam e manifestações culturais que constroem outras socializações. Como lugares de passagem, prática exercícios físicos, contemplação e lazer são apropriados pela população para estabelecer convivência. Modificando-se, ao longo do tempo, esses espaços tecem histórias, pedem leituras e constroem um caminho poético.

Nesta obra literária, as paisagens de praças - de Fortaleza e da Região Metropolitana - dos Leões, da Gentilândia, Clóvis Beviláqua, José de Alencar, do Ferreira, das Flores, Portugal, dos Estressados, dentre outras, foram cenários e berço para histórias do coletivo

de mulheres Escrevíveis, que são um modelo de empoderamento por produzirem literatura de inquestionável qualidade e nos levarem a pensar nossos contextos e realidades.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece), por meio do seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), distribui, orgulhosamente, a produção que abre novas e largas portas para a compreensão dos espaços urbanos, e traz luz às suas idiossincrasias, diversidades e, também, às suas desigualdades, que precisam ser pensadas e sanadas para o progresso das comunidades.

Deputado Estadual Evandro Leitão

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

Inesp

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará — Inesp, criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos que se alinhem às demandas legislativas e culturais do estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Dentre seus projetos, destacam-se o “Edições Inesp” e o “Edições Inesp Digital”, que têm como objetivos: editar livros; coletâneas de legislação; e periódicos especializados. O “Edições Inesp Digital” obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de Design Gráfico.

O “Edições Inesp Digital” já se consolidou. A crescente demanda por suas publicações segue uma média de quarenta mil downloads por mês e alcançou dois milhões e meio de downloads. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

O livro **Fortaleza Escrita na Praça** é mais uma obra que compõe o diversificado catálogo de publicações do “Edições Inesp Digital” e que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda

Diretor Executivo do Inesp

Prefácio

Fortaleza Escrita na Praça chegou às minhas mãos via *WhatsApp*, depois de um contato da Luciana Braga, uma das escritoras desta coletânea, que é resultado do magnífico trabalho das escritoras que integram o grupo Escrevientes. Prefaciando um livro é um privilégio, não só de ler em primeira mão uma obra literária, mas também de perceber essa prova de carinho e confiança, pois quando um autor me entrega seu livro com esse fim, é como uma mãe que, tendo o filho nos braços, me propõe: “Você quer ser a madrinha?” Desta vez, não me vem uma, mas dezessete escritoras me confiar esse papel. Meu coração se enche de expectativas. Que estratégia usar diante de tantas criações, de tantas comadres?

Então convido o leitor para fazer comigo este prefácio, que é um percurso pelas praças de Fortaleza e adjacências. Quem vai nos conduzir? O olhar dessas escritoras sobre a geografia, os personagens, os barulhos, os cheiros, as cores de cada lugar. É tudo muito sinestésico.

Começamos pelo Centro da cidade, precisamente pela Praça dos Leões. Segundo as impressões de Alana Loiola, “a rua é ácida”, o chão é desigual, as pes-

soas são desiguais, há fome e abandono. Penso que a narradora tenha chegado ali numa bicicleta amarela, o que empresta um colorido ao ambiente.

Peguemos carona nessa bicicleta em direção à Praça da Gentilândia. Cris Rosa descreve-a em flashes cinematográficos. Uma gata se desloca dentro de uma cena de assédio. Um estampido. Um atropelamento.

“Homem, me segure, vou morrer”. Não, amigo leitor, não é mais o atropelamento. Uma mulher dá à luz na Praça Clóvis Beviláqua. Verdade! É Lucirene Façanha quem nos conta. Na Praça José de Alencar, logo ali, numa virada de página, três gerações de mulheres se encontram. Seus olhares se cruzam, se atravessam sob o olhar de Leticia Moreira. Mas deixemos as mulheres com seus trabalhos, me dê a mão, vamos que vamos, que a Praça do Ferreira fica bem pertinho. Vai ser rápido, só o tempo de um café. Tempo de embarcarmos numa viagem fantástica de volta à Fortaleza do século XIX. Não duvide, é Emanoelli Farias quem carimba os passaportes. É tudo muito real!

Mais real ainda, embora não pareça, é o carinho tocando violino em meio aos moradores de rua, os

“homens de olhos vazios” da Praça Murilo Borges. O cheiro do café vindo do carrinho na esquina se mistura aos acordes de uma sonata de Bach, em meio ao caos do centro de Fortaleza. Além dessa — Emanuela Ribeiro nos garante —, há outra melodia no ar, e a gente pode dar um tempo para “escutar outra música, a água que sai da boca dos leões sob o olhar atento das sereias”.

Vamos dar uma esticadinha. Se é longe? Pode ser, mas vamos na trilha literária da Ana Márcia Diógenes. Vale muito a pena! A escritora nos leva à Praça das Flores, onde há mais gente em situação de rua, há um palhaço triste. Um carrinho de supermercado é sua casa-ambulante. Existe uma história por trás da outra, um intrigante enredo sustentado com belíssimas construções literárias. Além disso, há um cheiro de jasmim-laranja no ar.

Enquanto esse artista de rua executa sua performance, vamos descer pela Desembargador Moreira rumo à Beira-mar. Mas antes precisamos dar um tempo na Praça Portugal, cenário de uma história de amor. Pretende-se comemorar um aniversário de namoro. Eis que o tempo se fecha, desce sobre a praça o cinza do

preconceito, da intolerância, da dor. Não desanime, leitor, o enredo caminha para cores mais democráticas: as bandeiras se agitam, a praça se tingem de vermelho. E a festa acontece sob a regência de Beatriz Caldas.

Retomemos o caminho. Elaine Resende nos espera na Praça dos Estressados. Será que ainda está lá? Ela nos conta — lida muito bem com as palavras, diga-se de passagem — fatos que dizem de mudança, de recomeço e de uma grande amizade que resiste ao tempo e às alterações dos projetos de vida, às alterações da paisagem urbana.

Não muito longe dali, na Praça do Dragão, Patrícia Baldez narra uma história tão antiga quanto a de João e Maria, tão antiga e tão contemporânea. Maria amava, amava demais. Ali, pertinho do Dragão do Mar, decretou sua alforria. A crônica dialoga com outras narrativas e nos lembra que “é sempre preciso lançar-se ao mar”.

Um cheiro de gengibre nos carrega para o outro lado da cidade, nos leva até o Gengibre. Não conhece? Nessa esquecida comunidade, Íris Cavalcante habilmente, “rente à pele do muro”, arma um varal de coloridas palavras para falar de autoestima, de cuidado, de solidariedade.

Agora vamos fazer os deslocamentos que a literatura nos permite. Karine Vasconcelos nos conduz até a Praça do Jardim Jatobá. Lá estão as bicicletas, os carrinhos de batatas fritas, os casais de namorados, os barulhos comuns a todas as praças. Até que se ouve um estampido... No Barroso, a Praça do Lago Azul também tem seus sons, seus tons. Ali há um bar, uma biblioteca, um menino. Bruna Sonast traz à tona as reflexões desse personagem, pinta de azul o cenário e enfeita as árvores com filtros de sonhos. Fica tudo muito bonito! Na Praça das Fontes, em Pacajus, dois jovens se encontram, se desencontram e enfim se acertam depois de trinta anos e uma eternidade. Calma, amigo leitor, sabe-se que é um longo tempo, mas Leide Freitas nos assegura que eles não têm pressa.

É final de tarde. Na Praça Dr. Raimundo Maciel de Brito, uma criança se diverte no balanço. A narrativa se constrói também num vai e vem, numa dinâmica em que fatos e diálogos se atravessam, se chocam. Luciana Andradito domina essa técnica com muito talento. A mãe impulsiona a criança, é o último balanço.

Então anoitece. A poucas quadras dali, na Praça do North Shopping, ambienta-se a narrativa de Luciana Braga. Veja que na quadra rola um jogo de basquete, os rapazes se movimentam. Na cabeça da narradora, arma-se um jogo de suspeitas, as ideias vão tecendo um enredo sombrio. Ainda bem que a lua brilha no céu.

Amigo leitor, chegamos ao fim de nosso percurso. Onde estamos agora? Jovina Benigno maneja sua escrita de forma precisa, cria imagens literárias impressionantes. Vem nos dizer do ócio democrático da praça, faz provocações, “a praça, mãe das ideias”. Ela nos lembra que a arte de pensar surgiu nas praças públicas, nos primórdios da humanidade, e nos chama para esse exercício. Aliás, todas as autoras, cada uma à sua maneira, nos fazem essa instigante proposta.

Caro leitor, ocupemos as praças.

Zélia Sales, escritora.

Sobre a obra

Participar de um coletivo é pensar a diversidade em grupo. Estar em um coletivo de mulheres é empoderador. O Coletivo Escrevientes, criado em 2021 e formado por mulheres escritoras de todo o país, é aberto, gratuito e tem como objetivo o apoio à escrita de mulheres, sejam iniciantes ou experientes, que já tenham publicado ou ainda não. O importante é escrever e ser lida.

Nós, escritoras cearenses ou residentes no estado, integrantes do Coletivo Escrevientes, tomamos como força a escrita de todas. Decidimos caminhar juntas, no passo de cada uma.

Desde o tema — ficcionar nas praças — até produção, capa e edição foram resultados de um pensar de mãos dadas, de uma troca de ideias permanente em me-

ses de germinação deste livro. Queremos cada vez mais ser raiz e possibilitar novos embriões.

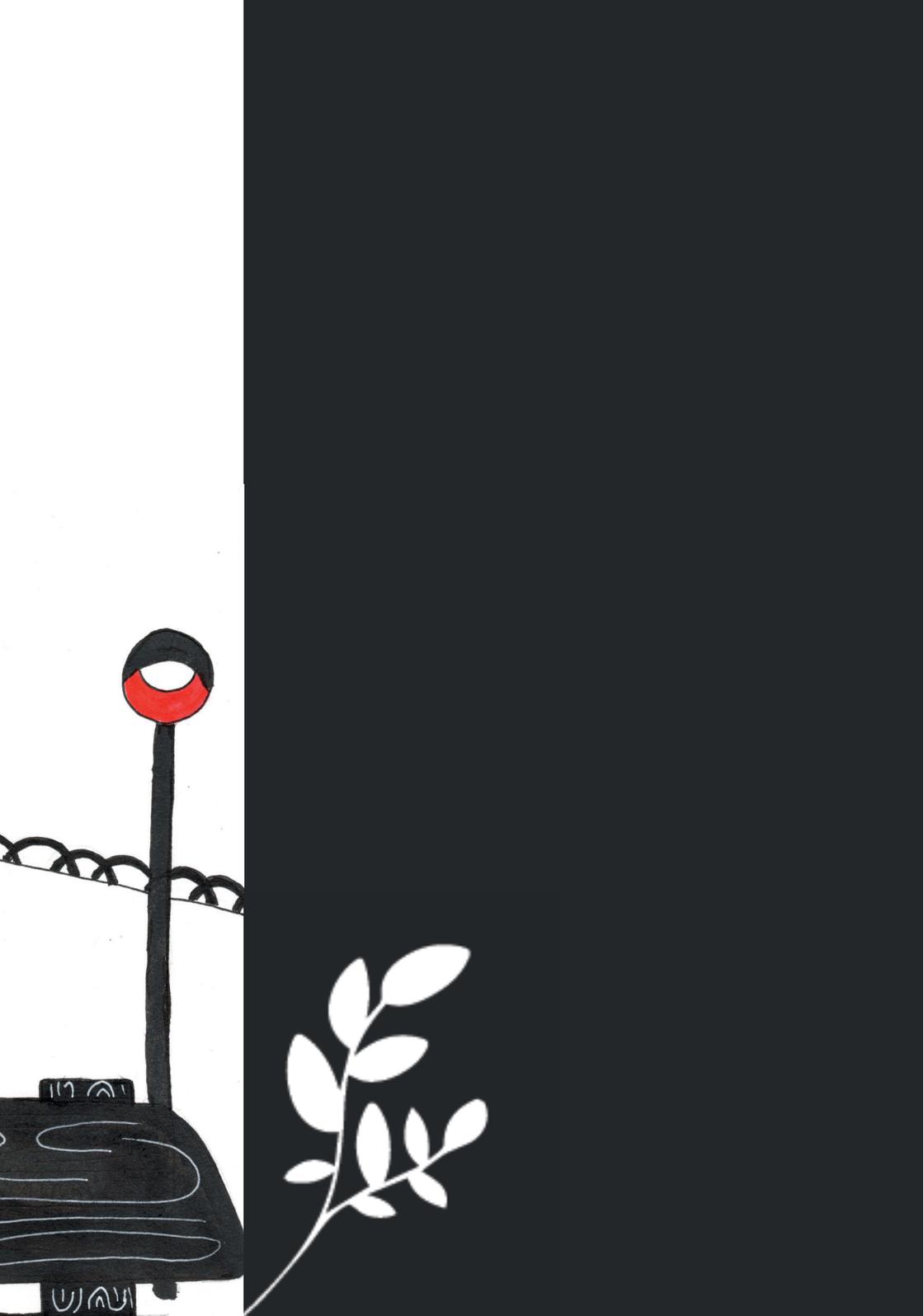
Os 17 textos ficcionados em praças de Fortaleza e Região Metropolitana trazem 17 escritoras que vivem a cidade nos seus cenários, cidadãos e personagens. Trazem recortes de vidas imaginárias, que poderiam ter acontecido. É esta uma das maravilhas da literatura, o poder ser.

Neste poder ser, costuramos as histórias e nossas vidas nelas. É esta a força de um grupo quando a importância dele se embasa em cada uma e em todas.

Ana Márcia Diógenes, jornalista e escritora.

Sumário

Praça dos Leões	21
Praça das Flores	27
Praça Portugal	37
Praça do Lago Azul/Barroso	44
Praça da Gentilândia	47
Praça dos <i>Stressados</i>	50
Praça do Ferreira	57
Praça Murilo Borges	64
Praça do Sonho do Gengibre	67
Praça do Iprede	71
Praça do Jardim Jatobá	75
Praça das Fontes	80
Praça do Teatro José de Alencar	85
Praça Jonas Gomes de Freitas	88
Praça Dr. Raimundo Maciel de Brito	93
Praça Clóvis Beviláqua	98
Praça Dragão do Mar	101
Posfácio	107
Praças de Fortaleza	108



Praça dos Leões

Uma praça e duas vidas, dois pares

A rua é ácida, como mordida na língua no meio da refeição, e dividindo o mesmo espaço, música e cigarro, copos de cerveja e fome misturada com futum dos restos de comida e urina.

Praça dos Leões, seu chão desigual, rodeada de árvores e histórias poéticas, livros amarelados espalhados no chão, dividindo o mesmo espaço com as pontas de cigarro, a sacola cheia de latinhas amassadas, o rapaz vende frutas e água no meio do dia. A praça parece ter duas vidas, quando a noite se apresenta, a lua vem decorar o céu, alguns casais e grupos de amigos se reúnem, brindam seus copos e acendem seus cigarros, repleto de queixas e angústias, alguns sons da cidade começam a sumir, as buzinas diminuem, o espaço vai apertando, os poros banhados de suor e desejo. Um casal divide a pista de dança, tem moças, rapazes embriagados e senhores mais interes-

sados na canção e nos passos. Divide-se a calçada, o ritmo, os cheiros, a alegria é coletiva. Deixei estacionada, minha bicicleta amarela, perto das árvores e dos vendedores ambulantes. Vou ao bar, gosto do vento que passeia ali.

Circulando, a moça de boca colorida, Liz, encontra a coragem, se despede da inibição. O convite à dança e a cordialidade finalmente chegam:

— Seja bem-vinda!

— Por que bem-vinda?

— Porque eu acho que você nunca veio aqui, dançar na praça.

Ela encara um rapaz, Fábio, tem cabelos cacheados e olhos puxados, um sorriso que mais parece um convite. Sua boca colorida sorri, segue os passos do rapaz. Circulando sem parar, os pés se entendem, os dedos da mão se entrelaçam, seus dedos passeiam pela cintura da moça. A música acelera e se mistura com a alegria daqueles que a conhecem e cantam juntos.

— Foi um prazer, venha mais vezes, viu.

Logo depois, ele encontra uma mão negra lhe convidando. Liz observa e se encanta com os pés e tudo que cerca o sorriso de Fábio.

De repente, o tempo não passa mais pelo relógio. Quando cheguei eram 16h30, o sol já estava sendo

coberto pelos prédios altos e antigos do Centro. As buzinas interrompem o barulho do vento que vem da praia e dos pássaros. Josué está com fome, parece preocupado, mas tem que catar mais, o dia não acabou. A mulher ao seu lado é bonita, tem os olhos claros e sobrancelhas espessas, parece apaixonada por Josué, ele pega na sua mão e a beija. Gostaria de saber há quanto tempo estão juntos. Cerca o carrinho de frutas parado ao lado da loja de livros antigos, rouba algumas frutas, são duas maçãs, que cabem no bolso fundo de sua bermuda, uma banana enfiada na cintura, a bermuda amarrada com cadarço. Volta com um leve sorriso do lado esquerdo, olha fundo para Inês e sua fome. Ele tenta esconder sua fome, com a satisfação de quem conseguiu oferecer algo para quem ama, entrega as frutas à Inês, ela não parece tão satisfeita, mas come a banana, ainda meio verde. Saliva, come rápido. Dever ser a fome. Pensei. Josué volta para a praça, acho que ele percebe a insatisfação de Inês, ela termina sua fruta, joga as cascas para o asfalto.

— Josué? Josué? Oh, Jô, aonde cê vai?

— Vou ali!

Inês corre atrás, está com uma saia vermelha estampada de flores, já bem desbotada do sol e do chão, onde deita-se durante a noite. Josué havia deixado seu carrinho de reciclagem próximo ao bar, vai em direção

à Praça do Ferreira; Inês, meio desajeitada, puxando a saia desbotada, vai atrás. Ela puxa uma das mãos de Josué, entrega-lhe uma das maçãs que ele havia deixado com ela. Ele põe no bolso novamente. Fico impressionada como ele esconde sua fome. Está quase anoitecendo. O bar do seu Francisco abre somente às 18h30, vêm chegando funcionários. Quero esperar, mas estou com sede, só tem dois dedos d'água na minha garrafa. Será que Josué e Inês voltam logo? Logo, Josué vira esquina com o carrinho mais cheio, a mulher vem atrás, com uma sacola. Animada, senta-se no batente próximo do bar e vasculha, tira algumas roupas. Como Inês é desinibida, ela começa a vestir uma calça por cima de sua saia, tira sua blusa e coloca outra, por cima do sutiã rosa e juvenil. Será que Inês é jovem?

— Deixa eu ver! Josué fala curioso.

— Aquela mulher da loja de maquiagem me deu.

— *Bonita viu.*

— Eu quero dançar, Josué, hoje tem forró né?

— Vamos. Mas eu preciso depois catar mais.

— Tá bom. A gente vai junto pro abrigo viu.

Inês se sacode com sua roupa doada, a barriga ainda meio vazia, Josué está sentado, segura seu carrinho, sua testa suada e o pescoço manchado de cansaço e do que a rua lhe dá.

Tenho a sensação de que aqui se compartilha o par, a pista de dança, a música, a praça, os cigarros, os goles de cerveja, as latinhas, só não a fome. Dividem a noite, o vento da praia, este agora balança o vestido de Liz e refresca a pele queimada de Inês. A banda está chegando, os funcionários põem as mesas.

— Como nunca vim aqui?

— Você vai adorar. Liz parece meio assustada com seu encontro com a praça.

Inês também logo se anima, chama Josué para frente do palco.

— Espera, mulher, preciso prender o carrinho em algum lugar.

Inês não se preocupa com a exclamação do seu companheiro. Liz não percebe a outra mulher que dividia a calçada dançante com ela, Inês não simulava alegria, nem com suas roupas doadas, nem com o forró. De repente, percebi o tempo, já estava há horas ali, minha água já havia acabado, o suor umedeceu a roupa. Estava confusa com tantas vidas que se desencontram. Desde as frutas roubadas ao convite da dança, a gentileza passou pela praça, mas não matou a fome de quem está por ali. Dois mundos, ou duas vidas, uma noite, um dia, os contrastes da luz do sol, o lado ventilado, o lado quen-

te, os cheiros, os andantes, ora com mochilas cheias de marmitas, ora perfumados e sedentos para seduzir, de um lado a roupa rasgada e manchada, do outro lado do dia, coloridos, preparados para a dança.

Alana Loiola é cearense, filha de Franciscos. Psicóloga, especialista em Psicoterapia Psicanalítica, atua na clínica, na educação e na assistência. Apaixonada pelo mar, por crônicas e pela cidade alencarina. (Ainda) Descobrimdo o mundo através da escrita e da escuta. Escrevendo na [@aconfrariadostrouxas](#) e no [alanaloiola.wixsite.com/sentimentosdegaveta](#). Mais sobre mim: [linktr.ee/alanavivian](#).

Praça das Flores

Jasmim-laranja

O cheiro lhe trazia lembranças de uma vida intensa, mesmo que a sua ainda não fosse longa. Ter vinte anos, e estar morando na rua há dois, parecia dobrar sua idade. Os pensamentos dos últimos meses ainda com sua família faziam o tempo ser contado de forma diferente, enrugavam a alegria. Quem via Fernando se revezando entre as quatro esquinas na Praça das Flores - com o rosto pintado, roupas coloridas e sapato grande de duas cores -, fazendo palhaçadas no semáforo para ganhar aplausos e trocados dos carros parados, não percebia sua tristeza.

Desde que começou a morar na praça, buscava aquele cheiro todo dia. Pensou que o nome da praça garantisse uma variedade maior de flores. Mas, lá, as plantas eram propriedade dos lojistas, seguiam as regras do mercado. No espaço público mesmo, só ficavam as árvores grandes, boas de sombra.

Um mistério passou a envolver o cheiro. Há uma semana, Fernando estava percebendo que alguém mexia no carrinho de supermercado onde guardava todos os seus pertences, inclusive a roupa de palhaço. Havia encontrado o carro com o suporte de apoiar as mãos quebrado. Substituiu por um pedaço de cabo de vassoura. Era a sua casa ambulante.

Começaram a aparecer coisas dentro. Não era nada inteiro ou novo. Um sanduíche mordido, uma água mineral com uns goles consumidos, quentinhas com a tampa levantada e até lençol e roupa usada. Essas coisas sempre traziam cheiro de jasmim-laranja. Fernando chegou a pensar que a rua estava mexendo na sua imaginação.

Ele deixava o carrinho perto de um mesmo lojista de flores, ao lado de umas casas de madeira para gatos. Perguntava se ele havia visto quem colocou, mas o rapaz dizia talvez ter sido em algum momento de atendimento de clientes. O bom era que nada desaparecia. Tentou com outros moradores de rua, transeuntes de lá. Ninguém dizia ter visto nada diferente.

O cheiro não saía da sua cabeça. Atiçava memórias, tanto fazendo palhaçada nos semáforos como deitado no banco, se aninhando para dormir. E foi trazendo recordações que ele tentava esquecer.

Mais novo de três, Fernando era agarrado à mãe. A admiração que um dia teve pelo pai foi diminuindo à medida que cresceu e percebeu a mãe tendo que aceitar o marido traidor, viciado em drogas. Era advogado de porta de cadeia, lucrava com os que se enrolavam com a lei. O pai era assim, sumia e voltava, sem aviso algum, mas dinheiro não faltava. A mãe era como a natureza, sempre aceitando as mudanças de estação.

Dos três filhos, o mais velho seguiu a profissão e o estilo de vida do pai. Casou e quando a mulher estava grávida, engravidou outra. A irmã detestava o pai, inclusive pelos olhares que via brechando a porta do seu quarto. Fugiu com o namorado quando tinha dezessete anos.

Fernando, no quarto ao lado da mãe, acompanhava a tristeza dela. Choros e rezas se misturavam. Todo dia ela pegava flores de jasmim-laranja do quintal, colocava num jarro, acendia uma vela, ajoelhava-se e parecia entrar em transe, com falas cantadas. Pedia consciência para o marido. A vela espalhava o cheiro da flor pela casa.

Cada dia em que o pai não dormia no apartamento, ou chegava chapado pelas drogas, os lamentos aumentavam. Pareciam diminuir os dias. Acordava no meio da noite, assustado, o coração batendo acelerado, como se fosse sair. Ficava desatinado. Os escândalos do pai, em casa, foram ficando mais próximos, pareciam

fazer eco na cabeça de Fernando. O sofrimento da mãe lhe doía por dentro. A cabeça dele parecia bater no ritmo do coração, como se fossem explodir, os dois.

O dia e a noite passaram a se confundir. Em uma madrugada, acordou olhando para o asfalto, pela varanda do 18º andar. A cabeça pendia, quase a querer abrir caminho para o resto do corpo. Estava suando frio. Vomitou nas varandas dos andares de baixo.

A faculdade não conseguia mais prender sua atenção. Um dia encontrou uma droga que o pai usava. Exagerou, foi parar no hospital, quase em coma. Teve que ouvir o sermão do pai. Coisa de novato. Se não sabe usar, sai fora. Estava preocupado se os vizinhos tinham percebido que os delírios do filho eram por conta de droga.

As pernas voltaram para casa, a cabeça se perdeu no caminho. Não queria comer, não queria ouvir preces da mãe, não queria perceber a chave rodando na porta nas madrugadas do pai presente ou ausente, não queria os conselhos à distância da irmã, não queria cruzar os olhos com o irmão. Só queria o sofá sem TV, o tapete sem livro, o cabelo sem pente, o chuveiro sem banho, a cama para pensar nas formas de sumir.

E sumiu. Uma manhã, quando a mãe acordou, encontrou a porta do quarto de Fernando aberta. Todos

sabiam que ele estava estranho. Faculdade abandonada, negação de ir para o psicólogo, mas sumir não estava entre os prognósticos. A mãe chorava, desamparada de marido. Havia perdido o filho. Dias e semanas de procura, entre amigos e ruas do Bairro de Fátima e vizinhança. Ninguém tinha visto aquele rapaz da foto que ela mostrava, pregava, insistia.

Um dos sanduíches que alguém misterioso havia colocado no seu carrinho-casa era de atum. Não gostava do sabor. Quando criança, a mãe sempre lembrava que era um alimento importante de ser consumido. Ele reclamava. Ela deixou de insistir quando o menino ficou adolescente. Naquele momento, na praça, comeu sem reclamar. Era uma forma de economizar o apurado das palhaçadas daquele dia. Não sabia se era real, mas a comida estava cheirando a jasmim-laranja.

Em dois anos de rua, Fernando foi usando e descartando, por não ter como lavar direito, as roupas que colocou nas duas mochilas quando saiu de casa. Daquele dia lembra também como chorava sem parar. O celular foi o primeiro a ir embora. Descartou na lixeira do condomínio. Ele queria trocar de pele, de família, de casa, dele mesmo.

Andou uns dias sem rumo. Economizava cada quentinha que comprava. Dividia a comida para almoço e jantar, e quase não tinha fome. Outros moradores de

rua estranhavam porque ele não pedia dinheiro. Um deles tentou roubar sua mochila à noite, para ver se tinha muito dinheiro. Brigaram. Fernando perdeu um dente.

Um morador de rua, percebendo que ele era novo naquela situação, sugeriu que escolhesse uma praça com árvores, e próxima a prédios, que pudesse garantir segurança para dormir, e algum trabalho para o dinheirinho da comida do dia. E longe do bairro de Fátima, para não arriscar ver conhecidos, pensou Fernando.

A Praça das Flores se encaixava. Viu que até tinha um nome oficial, mas não gostava. O comércio de plantas de manhã e à tarde, junto com moradores que se exercitavam andando e correndo, representavam segurança e trocados. Tentou ganhar dinheiro se oferecendo para limpar cocô de cachorro. Muita gente andava com eles por lá, mas alguns levavam seus saquinhos para recolher e a ideia não vingou.

A praça era uma ótima casa. Tinha bancos para dormir, árvores para se proteger de sol e chuva, torneira, e gatos para alisar. Optou por não fazer amigos. Barba e cabelos crescendo protegiam sua identidade e afastavam as pessoas. Se sentia bem em não ver nem o pai nem as drogas pesadas que usava. Mas sonhava com os olhos e o cheiro da mãe.

Nas suas andanças pela praça, começou a perceber dois palhaços que se apresentavam nos quatro semáforos do quarteirão, durante todas as tardes. Assistir era uma forma de evitar pensar no que doía, como a saudade da mãe, e a aflição em saber como ela estava sozinha com o pai dele. De tanto ver, passou a ajudar vigiando os objetos dos palhaços. Às vezes ganhava uns trocados. Uns meses depois, um deles ficou doente e teve que voltar para a cidade em que a família morava.

Fernando virou o novo palhaço do grupo, passou a ter dinheiro garantido para comer e a sua identidade ficou mais preservada ainda. O palhaço chefe deu dinheiro para ele cortar o cabelo, tirar a barba e poder destacar a pintura no rosto. Ficava mais profissional. A vida parecia seguir um caminho de tranquilidade, até essas coisas aparecerem no seu carrinho. Desconfiou de tudo. Até que alguém tivesse se apaixonado por ele, ou com pena da sua magreza, que tinha aumentado no período de chuva. Não dava para fazer palhaçada no semáforo em período de chuva como aquele. Menos dinheiro, menos comida.

Desde criança, era sempre no período de inverno que ele mais adoecia. Ficava com rinite alérgica, se enchia de espirros. Naquele sábado, véspera de um feriadão, nuvens cinzas ameaçando quem planejava sair da cidade, a

praça estava diferente. Deserta, poucas pessoas andando apressadas com medo da chuva, lojistas reclamando da reduzida venda de plantas e flores, palhaço chefe que nem tinha aparecido por conta do temporal que ameaçava chegar.

Fernando se aninhou cedo. Colocou uns paus de vassoura que já deixava no carrinho e amarrou um pedaço de lona que conseguiu de um caminhoneiro entregador de colchões de uma loja da vizinhança. O nariz ameaçava atravessar a noite pingando. Teve medo de ficar febril. O sono trouxe o conforto de não saber o que acontece quando se dorme. O temporal esperado caiu e levou horas para passar. Ele se ajeitava entre os pingos que encontravam os furos na lona. A febre também o alcançou.

Cedinho da manhã, foi acordado por um barulho perto dele, do lado onde havia deixado o carrinho. Olhou e viu um saco de pão. Abriu. Seis pães. Um deles mordido. Pela primeira vez, percebeu que a mordida devia ser de uma mulher. Viu marca de batom, cor de rosa. Esqueceu a mordida quando sentiu o cheiro do jasmim-laranja. Imaginou que a febre podia estar trazendo essas sensações, mas sentia a presença da mãe, como nunca, desde que saiu de casa.

Decidiu comprar um remédio para febre, para evitar delírios como achava estar acontecendo. Ao atravessar a avenida e passar em frente à capela, viu umas

pernas pequenas, com seus passos apressados, entrando e se sentando em um dos bancos. Aproximou-se até onde não pudesse ser visto. Era a sua mãe, não tinha dúvidas. Estava de cabelos pintados. Estranhou, por não ser um hábito dela. Também não entendeu o que ela fazia naquela capela, porque só frequentava a Igreja de Fátima, perto de casa.

Percebeu que a mãe estava chorando. Por instantes quis correr, lembrando das preces e lamentações dela pelo marido. Uma mão encostou no ombro dele.

— Fernando? Calma, você não me conhece. Não fuja, deixe sua mãe lhe ver.

A mãe ouviu a voz do homem e se levantou. Rosto inchado. Terço na mão. Correu e deu um abraço no filho. O cheiro era inconfundível. Ela chamou para sentarem. Depois do desaparecimento dele, os pais haviam se separado porque o marido não queria ouvir o choro dela. Há alguns meses, uma amiga que passava pela avenida Desembargador Moreira achou um palhaço com o olhar parecido com o de Fernando. Ela foi conferir e viu que era o filho. Fez amizade com um lojista e combinou para que um funcionário sempre colocasse comida, como se fosse um resto, para ele não desconfiar.

A mãe queria ganhar tempo para ver como se aproximar. A chegada de um inverno mais forte a fez ir até lá.

Imaginou a rinite, uma possível febre. Querendo ficar perto dele de alguma forma, mordeu um dos pães que pediu para deixar no carrinho. Chorava na capela pedindo força para saber quando e como se aproximar, sem que o filho sumisse.

Fernando ouvia tudo calado. Quando a mãe fez silêncio, a única pergunta que fez foi como ela tinha conseguido trazer o cheiro do jasmim-laranja em tudo o que o pessoal colocava no carrinho. Foi a única resposta que ela não soube dar.

Ana Márcia Diógenes é jornalista e escritora. Colunista na plataforma O Povo+ e revista The Bard. Autora da ficção juvenil *De esfulepante a felicitante*, uma questão de gentileza, *Pérfuro-Matante* e *Reze que meus pés não apontem para você* (contos), *Poesias e contos pequetitos* e *Rosa dos ventos* (poesia). Em coletâneas, está em *Escritas no feminino*, *Tantas palavras*; *Microcontos*, no e-book *Contos de verão*, e nas revistas *Contos de Samsara* e *Cassandra*. Integra os coletivos *Escrevientes* e *Mulherio das Letras*.

Praça Portugal

Desculpe por não ser perfeita

“*I’m sorry I can’t be perfect*” era a frase que ecoava em meus ouvidos naquele momento. Depois de tantos anos, voltei a me sentir aquela pessoa imperfeita, estranha, deslocada, quase uma alienígena dentro da minha própria cidade.

Aquele deveria ter sido mais um dia normal. Chamei Ana Elisa para tomar um sorvete e caminhar pela Praça Portugal, como parte da nossa comemoração de 3 anos de namoro. Nos conhecemos naquela praça, muitos anos antes, quando nossos amigos se reuniam para ficar escutando *Panic! at the Disco*, *My Chemical Romance* e *Simple Plan* e debater sobre questões filosóficas da vida.

Naquela época eu não pensava muito sobre minha sexualidade, então Ana Elisa era só mais uma amiga muito legal que me dava borboletas no estômago. Eu

achava interessante o fato de ela sempre usar muito lápis preto no olho, algo que indiretamente realçava seus olhos verdes. Além disso, a mecha roxa que ela tinha no cabelo era incrível.

Quando chegamos à praça, falei que devíamos tirar uma *selfie*. Peguei o celular e começamos a tirar algumas fotos. Quando fomos dar um selinho para tirar uma delas, percebi que um homem, na faixa de uns 50 anos, usando uma blusa da seleção brasileira, começou a olhar estranho para nós. Tentei ignorar e segui com as fotos, mas ele não parou de nos encarar, até se direcionar para onde estávamos.

— Vocês sabiam que isso é um local público? — Ele falou, bem sério.

— Claro, é uma praça. — Eu disse, e senti Ana Elisa apertar minha mão. Dei um passo para trás, dando a entender que estava saindo, mas ele continuou.

— E vocês não podem fazer isso em local público. — Ele falava.

— Isso, isso o quê? — Foi a vez da Ana Elisa falar.

— Isso que vocês tavam fazendo aí. Não tão vendo que aqui é cheio de crianças? Vocês não podem fazer isso na frente das crianças.

Eu já tinha me tocado do que ele estava se referindo, e minha namorada também deve ter percebido. Porém, o choque foi tão grande que ficamos completamente sem reação. Ela puxou meu braço e começamos a ir embora, mas o homem ainda insistiu:

— Olha, no governo do Bolsonaro isso não vai mais ser permitido! Não tão sabendo? Ele vai proibir tudo! É bom vocês acharem um macho pra se acietarem.

Nessa altura já estávamos quase do outro lado da praça, mas as palavras pareciam dominar todo o espaço daquele ambiente circular. Ana Elisa bufava de raiva, suas mãos suavam e as rugas de sua testa ficaram mais aparentes. Porém, ela preferiu sair logo dali.

Era 2019 e o inominável tinha acabado de começar seu terrível mandato. Não tínhamos nenhuma noção de como tudo iria se alastrar a partir daquele momento, e por isso nosso medo aumentava cada vez mais. Ana Elisa se mantinha forte. Já eu fiquei tão afetada que, depois daquele incidente, nunca mais tive uma boa noite de sono.

Nos meus pesadelos eu e Ana Elisa éramos capturadas por apoiadores do “mito” e colocadas em grandes postes de madeira. Eles carregavam tochas flamejantes e tinham um olhar vidrado e demoníaco, como se o fogo que seguravam se infiltrasse pelas suas retinas. No momento que as chamas subiam pelas palhas e alcançavam

nossa pele, eu acordava, pegando fogo. O calor habitual de Fortaleza não era favorável nesses momentos.

Os anos que se seguiram foram dominados pelo medo. Nunca mais tive vontade de pisar naquela praça, nem sequer passar perto dela, o que era bem difícil, já que eu morava há 4 quarteirões do lugar. Até considerei me mudar, mas depois que a pandemia começou, não tive mais como.

Na verdade, a pandemia veio como um bom refúgio. Não precisei mais aguentar as insistentes tentativas de Ana Elisa para sair, porque não podíamos mais andar por aí de acordo com nossa vontade.

— Amor, você precisa passar pela praça, superar esse medo! Não pode deixar que eles ganhem. — Ela sempre dizia.

— Mas meu bem, você sabe que eles tão ganhando. Não tá vendo? Eles dominaram tudo por aqui, colocaram bandeiras do Brasil em todo canto, não tem como. Você quer mesmo passar por lá? Quer arriscar ser xingada, ou pior?

Ela sempre achou que tínhamos como revidar, mas eu não era tão otimista. Uma das nossas maiores brigas foi quando eu não quis comemorar nosso aniversário de 4 anos de namoro na praça. Eu nunca tinha visto Ana Elisa perder tanto a calma quanto naquele dia.

— Por que você age desse jeito? Você quer se render assim? Quer perder a praça?

— Eu não ligo pra uma praça estúpida!

— Uma praça estúpida? Foi onde a gente se conheceu! É nosso lugar especial!

— Eu não ligo.

— Pois eu ligo! Eu quero voltar a ir lá com você!

— Pra você é tudo tão fácil! Eu que sou a fraca aqui, você quer jogar tudo em cima de mim.

— Você acha que eu também não sofri naquele dia? Que também não tenho pesadelos? Eu só não quero me resumir a isso!

Achei que terminaríamos naquele dia. Não me sentia muito disposta para nada. Achei que, além de tirar meu sono, aquela praça ridícula ia tirar o grande amor da minha vida. Achamos um meio termo da nossa longa discussão combinando que, a partir dali, eu começaria a fazer terapia.

As coisas foram progredindo aos poucos, mas eu ainda me recusava a ir à praça. Ana Elisa também começou a ficar mais receosa, por causa das inúmeras carreatas de apoiadores, e parou de insistir que fôssemos lá.

Porém, esse ano, algo mudou. Os ventos mudaram, pode-se dizer. Alguns amigos nos chamaram para comemorar o aniversário do Lula. Para minha surpresa, uma das comemorações seria na Praça Portugal.

Ana Elisa ficou bem empolgada, mas eu ainda estava apreensiva. Somente após uma longa sessão de emergência na terapia foi que eu decidi ir. Quando cheguei à praça, tudo estava decorado de vermelho. Havia balões vermelhos por todo lado, fotos do Lula, pessoas vestindo blusas com estrelas vermelhas, um bolo de aniversário. Senti como se meu coração acinzentado estivesse voltando a ter sua tonalidade escarlate.

As pessoas eram tão calorosas e receptivas que eu acabei esquecendo onde estava. Parecia outro lugar, outro planeta. Eu ainda me sentia uma alienígena, mas agora outros seres extraterrestres dançavam ao meu redor, cada um com sua particularidade. O ambiente era acolhedor de novo.

Sentindo uma onda de energia voltando a circular pelo meu corpo, puxei Ana Elisa pela cintura e olhei bem dentro dos seus olhos esverdeados. Seu rosto brilhava, iluminado pelos últimos raios de sol da famosa “*golden hour*”.

Coloquei a mão bem de leve em sua bochecha e a trouxe mais para perto, ficando a menos de um centímetro de distância. No calor daquela tarde, aproximei meus

lábios pálidos dos seus, rosados, e dei aquele beijo que eu estava guardando há tanto tempo, fingindo que não tinha mais ninguém ali. Foi como se o mundo desaparecesse.

“Did you ever have someone kiss you in a crowded room?”

Não senti mais medo, só amor, muito amor, pulsando em vermelho e brilhando como uma estrela. Por um instante, não precisei mais me desculpar por não ser perfeita.

Beatriz Caldas nasceu em 1994, em Fortaleza, Ceará, e escreve desde a infância. É escritora, redatora e mestra em direito constitucional. Autora dos livros *Como respirar acima d'água* (2022), *Delírios* (2020) e coautora do livro *Procura-se a Mulher* (2020), tem poemas e contos publicados em revistas literárias. É mediadora do Clube de Leitura Desvário, faz parte do Coletivo Escrevientes e é criadora de conteúdo da página @palavrenia

Praça do Lago Azul/Barroso

Lago Azul

Indescritível era a paz que o menino sentia naquele domingo quando sentava no banco rachado da praça, esta que não era condomínio e nem praça oficialmente, mas tinha ambas as funções. Escutava as crianças menores brincando no parquinho de areia misturada com bitucas de cigarros e cacos de vidro, enquanto o paredão do bar da esquina disputava atenção com os hinos do culto que já iniciava. O sol, nessas horas, amornava e refletia a cor melancólica do fim da tarde nas folhas das árvores e nos matos que cresciam teimosos, entre toda aquela gente.

O menino sentiu o que nunca viveu em outro espaço. Lugares não costumam oferecer pouso para meninos cansados. Reparou, nos últimos tempos, que pertinho do bar existia uma casa com uma fachada onde estava escrita a frase “Biblioteca”. Até então, ele nunca

havia ouvido falar de bibliotecas em lugares assim. Percebeu também a nova decoração meio hippie que as donas do bar colocaram nas árvores ao redor. Eram uns objetos circulares e cheios de penas de pássaros que alguém uma vez comentou servirem para dar fim aos sonhos ruins. Talvez as duas quisessem proteção dos comentários escrotos sobre seus corpos e sobre a relação que mantinham e que as pessoas ao redor tomavam de conta mais do que elas. O menino ficou pensando que levaria um daqueles objetos para casa quando ninguém estivesse olhando. Talvez servisse de proteção para ele também.

Na outra extremidade da praça que não era praça e nem condomínio, mas tinha ambas as funções, estava a quadra e os pivetes jogando futebol, cercados por outros que fumavam um e gritavam palavrões, enquanto se espalhava a notícia sobre o domingo passado em que os homi ficaram doidos e chegaram com as armas apontadas. Estavam com sede de vingança, nesses tempos, encarando até as crianças pequenas com um olhar fuzil.

O domingo estava em paz, e o menino esperava Rafaela chegar para *dar uns amassos* ali, por trás dos matos crescidos e longe das vistas dos cristãos que louvavam ao Senhor aos pulos, como se pudessem expurgar os pecados do mundo inteiro. Menos os dele, que o menino gostava mesmo era de pecar com Rafaela todas

as noites, e já não louvava ao Senhor desde que o irmão mais velho morreu com cinco tiros, na rua estreita que cortava a praça, em um desses dias que os *homi* estavam com sede de vingança e olhares de fuzil.

O menino gostava de pensar que antes de ser condomínio ou praça, todo aquele terreno devia ter sido um lago. Talvez de água azul, igual ao céu, como os que ele via nas novelas. Seja como fosse, o fato era que aquele domingo estava em paz e ele imerso no barulho de toda aquela gente que encontrava muitos modos de ocupar o pequeno lugar que era condomínio, praça, e também (re)posou para meninos muito, muito cansados.

Bruna Sonast é escritora e produtora cultural. Moradora do bairro Barroso, onde fica localizada a praça do Lago Azul. Publicou *vestígios* (2020), com nova impressão em 2021. Organizou e participou com poemas em *baRRósas: memória e poesia* (Mirada, 2021). Organizou *Escritas do Fim do Mundo* (2022). Publicou *mal dito coração* (Mirada, 2022). Tem textos publicados na Edição Atual da Mirada e na Revista Virtual Laudelinas. Articula e integra a coletiva baRRósas. Tem graduação em Letras e mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará.

Praça da Gentilândia

M de lutA

Corro pra não perder o 088. Nesse horário a tarifa é mais barata e o ônibus está um pouco mais vago. O que me dá um grande alívio, pois não suporto mais sofrer e presenciar tanto assédio.

Na janela passam casas, prédios, carros e avenidas com bandeiras verde-amarelas ou vermelhas, igreja, shopping, grafite no muro, reitoria e em sequência puxo o cordão.

A primeira coisa que vejo é um casal de testemunhas de Jeová, passo direto e dou de cara com uma poetA vendendo sua arte. Compro algumas zines.

Reparo no busto pichado, leio a placa-homenagem e conheço João Gentil, um dos primeiros moradores desse bairro.

Lixeiras e postes ganham identidade com lambe-lambes.

Busco um banco na sombra das mangueiras do chão acinzentado, largo, mais ou menos nivelado e cheio de folhas amareladas.

Entre bancas de revista, paratodos, chaveiro e barraquinhas de lanche, água de coco, açaí, guaraná, hambúrguer caseiro, café, salgados... uma gata se alonga, salta nas cadeiras, consegue comida, deita e dorme.

No ponto de táxi, discussões políticas com vozes alteradas e mãos gesticulando.

Um homem ao volante passa a mão numa garota que caminha no canteiro.

Enfurecida com a cena, uma mulher motorista de aplicativo acelera, ultrapassa o canalha e impede que ele escape.

Encurralado, o homem vestido com a canarinha sai do automóvel portando uma arma e dispara.

Sem pestanejar, a motorista joga o carro para cima dele.

Estouro, batida, sirenes, buzinas, dois corpos, testemunhas, policiais, repórteres e curiosos interrompem o trânsito.

Uma gata corre, salta e espanta um bando de pombos, enquanto eu me junto ao grupo de Mulheres:
abusadores NÃO PASSARÃO.
genocidas TAMBÉM NÃO.

Cris Rosa é escritora cearense, graduada em Letras e feminista. Faz pintura em tecido, quadros e mandalas. Escreve histórias fictícias ou não, em prosa e verso. Tem contos publicados nas revistas literárias Contos de Samsara e La Loba Magazine. É integrante do Coletivo EscreViventes e participa das coletâneas Casa Nua e Desobediências Miúdas (Primavera Editorial). E atua como colunista no portal Expedição ComMúsica. Encontre a autora em seu Instagram [@crisrosa33](#)

Praça dos *Stressados*

Verão em Fortaleza

Chegamos a Fortaleza no início do ano de 2010. Nossos dois filhos ainda eram pequenos, sete e oito anos, uma época boa de conversar e de abraços macios. Os cabelinhos cacheados, soltos e cheirosos, meus bebês que cresciam rápido. Saímos de uma terra fria para um sol que fritava os miolos, mas como éramos felizes ali. Sempre lembro de *Inverno em Abruzzo*, um conto de Natalia Ginzburg, quando penso em Fortaleza. Não há como saber qual momento da sua vida é o mais feliz, porque somos humanos e queremos sempre mais. Mas eu sabia.

Adriana trabalhava no mesmo setor que eu, de contas públicas da receita federal, revisando milhares de cálculos atuariais todos os dias. Ela, uma legítima filha da terra do sol, me apresentou os lugares mais charmosos da cidade. Quando um cearense abre as portas da sua casa, entre, pois você faz parte daquela família.

Lá pelos idos de 2014, descobrimos um lugar especial na Beira Mar. Era um caminho comprido que nos dava prazer em fazer, porque além de poder papear, nos fazia perder algumas calorias extras. Saíamos da Rua Carolina Sucupira, passávamos pela Praça das Flores seguindo reto pela Avenida Desembargador Moreira, atravessávamos a Praça Portugal e, após o Clube Náutico, virando à direita, nosso novo refúgio: a Praça dos *Stressados*.

Narra a lenda que a praça foi batizada assim por conta dos idosos impacientes que frequentavam o lugar, mas acho que era outro motivo. Deram esse nome porque era lá que deixávamos nosso estresse diário e esquecíamos os problemas. O cearense é um contador de história, povo que adora “frescar” com todo mundo, contar piadas e se divertir. Era lá que a gente ria dos contadores de história, dos juro que calculávamos e dos namorados da Adriana, que parecia uma mistura de deusa da sensualidade com um *rottweiler*. Mais alta que a maioria das mulheres, com uma maquiagem sempre impecável e a língua afiada como uma mordida de cão raivoso. Ria de um jeito exagerado e exuberante, e juntas compartilhávamos o pôr do sol.

Nessa época João ainda buscava os meninos na escola. Desde que chegamos em Fortaleza, ele pulava de trabalho em trabalho, sem muita determinação. Toda sua força estava voltada para a Europa e a dupla cida-

dania, uma oportunidade que alguém disse que era a mais sensacional das experiências que um ser humano precisava viver. João era feito de sonho e eu de pés no chão. Tínhamos casa, dois filhos que logo estariam na faculdade, um carro e muitas prestações. De cozinha em cozinha, meu marido chef ganhava pouco e reclamava muito. Mas tinha tempo de cuidar dos nossos pequenos e da nossa alimentação, que era assim, uau, cardápio de restaurante! Com isso, as idas à praça eram mandatórias, não podia descuidar demais do peso.

Às vezes, depois de uma sequência de exercícios, saíamos da praça e seguíamos caminhando por toda a Beira Mar até a Praia de Iracema. Adriana me incentivava ao consumo de roupas de baixo mais sensuais que meu bege básico, e camisolas de renda que me faziam parecer com as dançarinas de Lambada. As conversas na praça me alimentavam de um sentimento bom, e quando chegava em casa, João estava pronto para ir trabalhar no restaurante da vez. Acho que eu devia ter falado para ele: não vai, fica em casa e cuida da gente, que eu cuido das contas. Mas ele se sentia realizado servindo aos clientes, como eu poderia dizer algo tão sem sentido?

Todos os dias ele alimentava as redes sociais com fotos de pratos produzidos com esmero e clientes famosos na cena Fortalezense. Alimentava barrigas e

egos. Ele era o chef do sul que tinha feito especialização na *Cordon Bleu* em Paris. E era casado com uma contadora burocrata que fazia cálculos atuariais. Eu nunca aparecia nas suas redes sociais.

Foi num dia qualquer de 2015 que um dos clientes importantes do restaurante fez o convite a João. Tocar seu restaurante em Portugal por um ou dois anos até estar com a cidadania regular, e depois seguir para Paris. Quando me contou a ideia, refutei imediatamente. Como poderia largar o emprego certo como funcionária pública para viver a vida numa Portugal linda, porém fria, e sem uma vaga de emprego para mim? João seguia negociando com o cliente, que se tornou amigo e o tratava como se fosse um filho. Ele, após tantos anos de sonho esfumaçado, via agora a porta de saída e lá estava eu a atrapalhar. Pensei mesmo que nosso casamento teria fim, mas ele nos amava. Sofria amando, arrastando sua tristeza pela mão.

E a reviravolta se fez no serviço público.

Já havia passado mais de um ano desde aquela proposta tão tentadora quanto vazia. João jazia no último restaurante da moda, um bistrô com pretensões de restaurante estrelado, quando a receita federal, num ímpeto de modernização do sistema de recursos humanos, enviou uma circular propondo o trabalho remoto. Regras simples, tudo muito fácil de entender e difícil

de conseguir. Corri para ter um lugar na fila de espera. Me lembro que Adriana comentou que eu tinha grandes possibilidades de conseguir, mas que isso quebraria nossas idas à praça. E respondi confiante que nada mudaria, eu estaria mais disponível. O destino, esse menino que brinca de ser deus, quis que a minha amiga ficasse menos triste, e a praça foi fechada para reforma.

Fui a primeira selecionada. Eu poderia voltar para o Paraná na semana seguinte, mas os meninos, que agora eram dois meninos “réios” como dizem no Ceará, não queriam voltar para lá. Desejavam a experiência que o pai alimentava desde sempre, de abraçar uma vida como cidadão europeu. Em seis meses estávamos todos em Portugal. Eu não poderia mais me esconder por trás de minha insegurança: as contas estavam quitadas, eu continuaria a receber um salário, nossos filhos teriam uma experiência internacional no currículo ainda jovens. Era o momento perfeito.

O trabalho remoto não me trouxe a alegria do convívio com os colegas. Não havia Adriana rindo na Praça dos *Stressados* e me contando sua última aventura sexual, ou seduzindo algum idoso divertido com piadas de duplo sentido. João, por outro lado, era a alegria encarnada. O restaurante *lhe* fazia bem, de um jeito que me deixava enciumada. Eu queria aquela alegria comigo, com caminhadas até a praça de Lisboa, com lindos

pratos servidos na nossa mesa de jantar. Mas ele dormia enquanto eu trabalhava, e trabalhava enquanto eu bebia vinho sozinha. Os meninos logo se adaptaram à vida confortável, inclusive ao frio. Thiago, o caçula, tinha uma namorada e Felipe um amigo especial.

Foi apenas em 2022 que voltei definitivamente para o Brasil. Cinco anos após minha partida, decidi que tudo poderia ser muito bom na Europa, mas sentia falta do meu lugar, de gente festiva e ensolarada. Fui primeiro ao Paraná rever os meus, os dois últimos anos haviam sido de perdas e luto, a pandemia destruiu sonhos, negócios e famílias. Não avisei a Adriana que estaria em Fortaleza naquele dezembro, queria surpreendê-la. Pedi a sua mãe que a levasse até a Praça dos *Stressados* para nos encontrarmos no primeiro sábado de dezembro, o pôr do sol como testemunha.

Coloquei minha roupa de malhação e me olhei no espelho. Estava magra e, engraçado isso, me sentia jovem outra vez. Havia perdido muitos quilos após a separação e estava leve com o retorno ao lar. Me hospedei em um hotel na Beira Mar e corri no horário marcado para encontrar minha amiga. Andei muito e achei que havia passado do ponto. Nem Adriana, nem praça. Me lembrava com perfeição desse endereço. Procurei no mapa da cidade e indicava que ainda estava distante. Uma praça muda de lugar? Tudo estava tão diferente, talvez fosse

isso. Caminhei até o Parque do Bisão, e estava pronta para voltar todo o trajeto quando finalmente vi aquele sorriso.

Adriana andava devagar, vinha empurrando um carrinho de bebê e segurando a coleira de um cachorro miudinho. Os cabelos continuavam longos, mas agora eram escuros e a maquiagem havia sumido quase toda. Ela estava ainda mais bonita, não sei como era possível.

Quis saber como ela havia chegado ali, tão distante do nosso ponto de encontro. Ela sabia que só eu marcaria naquele lugar, alguém que não havia presenciado as mudanças na cidade nos últimos anos, mas que não perdia as boas lembranças.

Abracei minha amiga e ficamos sentadas naquela praça parque, olhando o verde, o rio e o mar. Não havia mais a nossa Praça dos *Stressados*, mas nós também não tínhamos mais motivo para estresse. A vida era boa demais.

Elaine Resende é arquiteta e urbanista, criadora do blog Sabático Literário (Sabaticoliterario.com), do canal do YT Lendo de Tudo um Pouco (@lendodetudoupouco) e integrante do Coletivo Escrevíveis. A Professora da Lua é seu primeiro livro infantil, disponível em e-book pela Amazon. Tem textos publicados em revistas e antologias. Seu perfil no IG (@cria.elaineresende) traz resenhas de livros, filmes e pensamentos. É carioca e vive com o marido, dois filhos e seu cãozinho Byron na Terra do Sol.

Praça do Ferreira

O tempo de um café entre decisões

O dia tinha começado cedo e prometia ser longo naquela sexta-feira, começo do mês de outubro de 2022.

Entre as idas e vindas da vida de Carolina, depois de tanto sufoco emocional, financeiro, familiar, social e espiritual, acordou naquele dia com um sorriso enorme no rosto, daqueles de quem acabou de devorar o último chocolate da caixa.

Embora não houvesse nem chocolate nem quase nada correndo nas veias naquele momento, afinal o dia inteiro seria dedicado a fazer os exames exigidos pelo edital do concurso. Desde a convocação até a posse, havia muita água burocrática para passar por baixo daquela ponte, mas, se tinha sobrevivido até ali, por que não aguentar mais um pouquinho?

Os primeiros procedimentos do dia exigiam jejum. E ela, que morria de fome de vida, resignou-se diante do fato, não entrava em luta perdida.

Com a lista de exames na mão, entrou na primeira fila – de muitas – para tentar concluir todos no mesmo dia, se possível. O prazo do concurso era limitado. Tudo muito corrido e estressante. A cabeça dela estava quase dando um nó e tudo que ela queria era um tempinho desacelerado.

Ainda bem que a maioria dos atendimentos ficava na mesma clínica, localizada em um dos cantos da Praça do Ferreira, e os demais, embora fossem em outros locais, eram nas adjacências.

Agulhas, seringas e frascos com isso e com aquilo retirado dela, cutuca daqui, cutuca dali, era quase meio-dia quando atravessou a praça à procura da clínica oftalmológica. O endereço anotado com a letra da atendente cansada mal era legível e, ainda por cima, ela estava, aparentemente, atrasada. Naquele instante, passava pela Coluna da Hora e sorriu com a coincidência:

— Estamos sempre teimando com o tempo, sempre em cima da hora! – pensou – Essa Matriarca que transformamos em madrasta conforme nossa predisposição aos atrasos. Quando foi a última vez que negociei bem com a Senhora?

O edifício onde ficava o consultório tinha uma fachada de pequenos azulejos azuis e brancos, uma portaria tão antiga quanto a praça e um porteiro idem. Tudo combinava com perfeição e ela suspirou frustrada por não poder parar um pouco para trocar duas piadas e um comentário sobre o sol implacável lá fora. As horas escorriam na ampulheta invisível do Universo.

Sem confiar muito no elevador, resolveu ir pelas escadas e, quando chegou ao andar correto, uma gota de suor escorria pelas suas costas. Um cheiro acolhedor de comida caseira invadia o corredor acordando o estômago faminto de Carolina e ela resolveu ceder ao desejo do corpo.

Ao abrir a porta teve a sensação de estar em casa, mas não de verdade, era mais como uma impressão sensorial: os cheiros, a música, as cores da decoração, a madeira dos móveis, o mármore do piso, tudo ali naquele pequeno café contribuía para o aconchego e o descanso. Atrás do balcão, um moço simpático, vestido com roupas que combinavam perfeitamente com o ambiente, sorriu estendendo o cardápio para Carolina:

— Boa tarde. Meu nome é Augusto, fique à vontade para me dizer o que deseja quando estiver pronta para escolher.

Interessante o sotaque dele, soava como algo conhecido, mas, embora fosse especialista em Línguis-

tica, não identificou a origem, talvez houvesse um traço ibérico, mas também poderia ser apenas impressão. A percepção dela estava embotada com tanta informação sensorial ao mesmo tempo.

Sentada numa gracinha de namoradeira, ela virou e revirou as opções disponíveis e não conseguiu escolher.

— Augusto, eu aceito sua sugestão. O que tem de bom hoje?

Ele sorriu amplamente e ela quase suspirou, conhecia aquele sorriso de algum lugar, talvez um parente do rapaz. Enquanto ele preparava algo que cheirava muito bem, conversaram sobre amenidades e incluíram o sol quente no meio do assunto. Carolina comentou a respeito do local, tão lindo, aquele painel na parede, uma praça do Ferreira do começo do século XIX, cujo coreto ainda permanecia de pé.

Augusto, sempre sorridente, se aproximava com a bandeja com bebida e comida. Carolina salivou.

Servindo-se, não percebeu quando ele sentou ao seu lado, apenas ouviu a palavra suave sussurrada ao ouvido:

— Coma.

Embora nervosa, fez o que ele disse. A tapioca com queijo coalho e carne do sol foi abraçada por suas papilas gustativas. Aquilo era pecado saído de uma

frigideira! Minutos depois, terminou a tapioca e o café sentindo-se plenamente satisfeita.

— Carolina, querida, quero que olhe novamente para o que chamou de painel. Observe com atenção os detalhes pelo tempo que julgar necessário.

Não precisou de muita análise para ela perceber que havia movimento no painel, era uma animação? Precipitou-se em perguntar, pois, se fosse, haveria repetição na cena, mas não houve, aquilo era real, como se estivesse ocorrendo naquele momento. Pessoas caminhando sem pressa, vestidos longos, sombrinhas rendadas, paletós, chapéus, alguém no coreto prestes a fazer um discurso talvez.

Sem acreditar no que via, levantou para olhar mais de perto e percebeu que o “painel” era, na verdade, uma grande janela de vidro e que dali tudo parecia ainda mais real, mas aquela cena, se estivesse fazendo as contas direito, era de um século atrás.

Sentindo a mão de Augusto na base de suas costas, apoiou-se nele quando as pernas falharam. Ele a conduziu de volta à mesa e esperou que derramasse sobre ele todas as perguntas que havia imaginado que faria. Ele também estava nervoso, aquele momento era, literalmente, único e, no que dependesse dele, tudo daria certo. Então, ela perguntou algo que ele não tinha pensado ainda na resposta.

— Por que comigo?

Isso ele não sabia porque não conseguia responder nem sobre si. Sabia que ela era seu amor de toda a existência desde que se beijaram no banco da praça à vista de todos. Depois ela tinha sido punida e enviada para o internato onde fez greve de fome até morrer tossindo sangue. E que a vida dele não teve mais sentido desde que perdeu a esperança de que pudessem ficar juntos.

Contou a ela que estava ali após uma barganha com o Destino e que, sob o desdém dEle, tinha voltado para tentar ter mais uma chance com ela. Uma dorzinha de cabeça começou a se infiltrar nas têmporas de Carolina... Uma insanidade! Ela precisava sair dali correndo, aquele cara era louco.

— Você pode trazer a conta?

— Claro, Carolina.

Pagou com as mãos tremendo, ansiosa, queria ir embora logo. Tanta coisa para resolver e havia se distraído com aquela bobagem. Conversa mais sem pé nem cabeça.

Levantou apressada, pronta para escapular, quando levantou a cabeça e olhou nos olhos dele. Ele sorria.

— Foi bom vê-la de novo. Espero muito que você seja feliz, que encontre seu caminho nesse concurso que vai assumir em breve, que sua vida seja muito iluminada.

Aquela conversa estranha só piorava, ela nem tinha mencionado nada do concurso, sequer lembrava de ter dito o próprio nome.

Mas ela não conseguia desgrudar o olhar.

Caminhou até ele e, ficando na ponta dos pés, precisou beijá-lo. Desejou imponderavelmente.

E reconheceu. O sabor, o cheiro, a pele, o banco da praça num domingo de manhã, o vestido longo, o chapéu, a sombrinha... Era ele.

Virou as costas rapidamente antes que aquela loucura contagiosa tomasse conta dela também e, quando pegou na maçaneta para ir embora, ouviu:

— Nós só temos essa chance. Se você sair, nunca mais nos veremos de novo.

Emanoelli Soares Farias é uma apaixonada que só pisa na superfície se for para mergulhar. Escreve em busca do resgate da própria identidade, perdida nos confins das matas e do sertão. Diz que no mapa astral dela há um signo solar de fogo, um ascendente de ar, uma vênus de água e uma lua de terra. É equilibrado, mas também caótico. A literatura é sua válvula de escape desse universo íntimo, é onde deposita seus desejos, anseios e dores. Publicou *Sombria* e outros contos (Ed. Urutau), contos nas revistas *Cassandra* e *Contos de Samsara* e nas coletâneas *Histórias da Meia-Noite* (Ed. Todas as Musas) e *Desobediências Miúdas* (Primavera Editorial).

Praça Murilo Borges

SONATA

A chuva lenta se derrama em gotas grossas e deixa o ar ainda mais difícil de respirar dentro do ônibus 604. Ele se espreme para proteger seu violino. Pensa que deveria ter desistido de ir à praça. Hoje teria sido um bom dia para se demorar na cama e mudar a rotina que leva há quatro meses. Quando desce na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, as badaladas das nove horas lhe dão boas-vindas. O jovem permanece protegido abaixo da marquise considerando suas opções. Por força do hábito, seus passos o levam até o quarteirão seguinte. Na esquina, observa os colchões empilhados na calçada. Não foi preciso ninguém vir, a chuva cumpriu o trabalho de os enxotar da praça Murilo Borges. Não desvia os olhos das pessoas próximas aos colchões. A essa altura já deveria ter se acostumado com os olhos vazios, mas quem consegue? Há dias em que eles parecem lhe reconhecer, em outros ele não passa de um vulto.

O cheiro do café no carrinho da esquina o anima. Enquanto espera o líquido quente fazer seu trabalho, repassa em sua mente os acordes. Um fio de sol atravessa as nuvens e o acerta. Toma o restante do café num único gole e atravessa a rua com passos decididos. Seria um dia quente. Passa pelos taxistas. Dois acenam para ele, ao mesmo tempo em que falam do trânsito, da falta de preparo da cidade e, claro, do jogo de ontem.

Chega ao seu lugar na praça. Ninguém parece se importar. Caminham rápido num eterno atraso. Não há poças no chão, então coloca a case aberta. As notas e moedas de sempre que servem de convite aos transeuntes para que somem algo àquela quantia. Ele encaixa o violino no ombro. Respira fundo antes de encostar o arco nas cordas.

É uma sensação estranha essa de não estar ali, estando. A música o transporta, mas, ainda assim, vê o homem parar por um momento nas escadas do fórum e hesitar. Talvez preferisse descer e ficar para escutar a sonata de Bach, mas apenas tira o smartphone do bolso e grava um trecho. Deve dar um story bonito.

Quando termina a sonata nº1, quase não consegue respirar extasiado. Os minutos se tornaram quinze. O jovem descansa o violino quando uma moça acompanhada de uma senhora se aproxima. Ela repousa uma cédula de dois reais. Troca um olhar e sai.

Ele decide seguir com Bach. Foi por causa dele que começou a estudar violino, que entrou na faculdade de música. A mesma que largou, para quê, mesmo? Sobreviver. Consolava-se em saber que era como todo mundo. Um acorde de uma peça completa, uma mistura de desolação, alegrias e esperanças.

Uma gata se esfrega sobre seus pés quando já havia se passado uma hora. O segundo e terceiro turnos o esperavam. Ele repousa o violino na case, não sem primeiro retirar as notas e moedas. Não eram muitas, mas poderiam arranhar sua única bóia salva-vidas. Antes de ir, se detém para escutar outra música, a água que sai da boca dos leões sob o olhar atento das sereias. Do outro lado da praça, Themis segue vendada observando tudo.

Emanuela Ribeiro é cearense e jornalista com formação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Máster em Gestão de Comunicação pela Universidad de Deusto (Espanha). Resolveu colocar “roupa de sair” em suas palavras em 2021. Escreve contos e crônicas. Colaborou com textos em diversas revistas literárias. É coautora da coletânea de contos *De corpo inteiras* e um de seus contos foi finalista do 2º Concurso Pintura das Palavras o que lhe rendeu participar da coletânea *Fraturas*.

Praça do Sonho do Gengibre

Cheiro de gengibre

30 GRAUS. Um céu de um verão perene anuncia que estamos na cidade do sol. Refugio-me à sombra de uma árvore na praça do sonho. Alguns metros quadrados de areia, uns quatro bancos de madeira e um balanço de pneu. Cavalos de Troia. A criançada brinca como se estivesse num parque de diversão. Tem algazarra e euforia. A praça é do sonho.

Há crianças e jovens e adultos. Alguns jogam baralho, descomprometidos com o relógio, sem cartão de ponto a bater. Dinheiro para a aposta. Se der fome, tem a bodega da dona Chica que vende bolo e salgado, sai até um “bauru”. Coisa fina. Assim, a vida segue numa quase liquidez, no sobe-e-desce do lugar. Meninos sem blusa, queimados do sol, jogam piões.

Da casa da esquina vem um cheiro de gengibre. Uma lagartixa sobe a parede, um gatinho abandonado se

encolhe na soleira da porta. Ali mesmo, fazem um lar. Hora do almoço. A mulher caprichou, é aniversário da filha de 10 anos. Vapor na panela. Casa de tijolo, janela, porta, telhado, uma casa completa. Casa bonita. Tem até uma planta em lata e um Sagrado Coração de Maria, bem na sala.

A mulher da casa bonita, que tem uma planta, sustenta os cinco filhos com o salário de ajudante de cozinha num restaurante de bacana. Lá aprendeu a receita que leva o gengibre. Gosto exótico. Aprendeu essa palavra também e agora deu para uns pensamentos exóticos, eróticos às vezes. Ela é quem sabe viver. Depois que o marido abandonou a família, nem teve tempo para as sofrências, não podia deixar os meninos morrerem de fome. Ou sofria ou sustentava os filhos. Uniu-se a um rapaz de 22 anos, que vive do seguro-desemprego – ele justifica quando traz algo para casa. Ela, aos 40. Arri-mo de família. Logo, engravidou do quinto filho. Desconstruiu padrões, sabe ser sensual com seus 20 quilos a mais. Uma mulher que se permitiu amar. Julgaram-na. Mas ao homem que abandonou a família, não.

Do outro lado da rua, uma placa em metal resplandece sob uma claridade cirúrgica e indica o nome do lugar. A lagoa que já foi campo de futebol invade as palafitas. Pedacos de madeirite, barrotes ou flandre compõem as paredes, amianto no teto. Não é de Deus viver nesses casebres, sensação de

espaço conseguido, que se pode perder a qualquer momento. O esgoto escorre ao lado. Piora quando chove, tudo vira lama. Pela janela do barraco, avisto um casario assimétrico do lado de lá, um mundo que filtro a partir do que vejo.

Me dá vontade de entrar com um violão, cantar um refrão qualquer. Talvez a música embeleze o cenário. Ou alegre a mulher doente que jaz numa rede. Pneumonia. Quero entrar ali, com o que aprendi das artes.

Roupas coloridas secam num varal rente à pele de um muro. Uma catita corre para lado nenhum. A mulher da casa bonita, que tem uma planta e sabe ser sensual, atravessa a rua, vestido transparente. O sol trespassa o vestido, que se levanta ao vento e revela as coxas roliças. Ela leva comida com cheiro de gengibre para a mulher com pneumonia. Fraternidade feminina.

Messias e Micael brincam com seus piões. Irmãos quase gêmeos, tão próximas as idades. O Messias tem uma tal ternura de menino carente e me beija como se eu fosse uma tia e eu gosto. Me sinto tia de Messias. Tenho vontade de cuidar dele, protegê-lo das maldades de alguns. Mas como, se mal dou conta das maldades que me fizeram? Tenho um afeto natural por ele. Micael maneja bem o pião, cabelos descoloridos e uma energia que parece luz. Um calção amarrado por um elástico e uma blusa que encolheu com o crescimento deixando o umbigo à vista.

Disseram ser perigoso ali. Messias e Micael mostraram o contrário. Me sinto em débito com o futuro deles. Um débito que não posso pagar no cartão, nem em *cash*. Mais na frente, uma universidade. Os doutores aparecem, prestam algum serviço que deve pontuar para o lattes e somem. Em julho tem uma festa. Aquece a economia, a classe média consome no morro.

Já é meio-dia. Volto semana que vem — digo assim meio migrante. Cigania. Uma terça-feira e reencontro a mulher da casa bonita que tem uma planta e sabe ser sensual em seu vestido transparente. Nos juntamos a outras de nós e descobrimos que a nossa voz é a mesma. Uma fala do olho roxo, a outra conta da alma ultrajada. Relatos que escapam da luta nossa de cada dia e se encontram num lugar chamado Gengibre. Um lugar esquecido na cidade do sol.

Íris Cavalcante é escritora, poeta e letrista cearense, Especialista em Escrita Literária, finalista do Prêmio Jabuti 2018 com Vento do 8º andar. Em 2021, publicou o romance *Por quem elas se curvam*, o livro de crônicas *De olhos vendados* e organizou a antologia *Crônicas de uma Fortaleza obscena*. Em 2022, publicou o livro de poemas *Se te pareço noturna*.

Praça do Iprede

Sócrates na Praça

Teto das ruas, dela a lua em especial se ocupa, feito farol que guia embarcações. A praça, mãe de ideias, das descobertas que pedem espaço, fugitivas das falésias. A ela a mulher devia a luminescência da essência, os fortuitos encontros com os antigos e novos amigos - léxicos de sua escrita. Sentada no banco de sempre, lembrava sua labiríntica trajetória de rotatórias sem sinais. Desandaram sua vida.

Foi morar no Parque Manibura em Fortaleza. O novo da casa nova estendeu-se àquele largo. A mulher corria para lá, ver os arrebóis que a envolviam num místico sentimento: “quando o céu fica vermelho, é sinal de que o mundo vai acabar”. Há sessenta anos ouvia esse falso mal agouro. Na dúvida, corria para a praça, pensava: “quero morrer olhando o céu”.

Certa vez a senhora imaginara Sócrates e sua maiêutica ali, na sua frente. “Gracia divina”. O filósofo, um senhor quase em trapos, de caráter limpo, feito as primeiras águas. Levava luz às pessoas, sabatinava os vivos, fazendo-os descobrirem em si conhecimentos que possuíam sem que soubessem. Provimento. Sócrates, amado, odiado e admirado pela Grécia, de sabedoria invejada por parte dos seus pares, pelos soberanos. Leal ao que acreditava, tomou cicuta. O poder teme a Sabedoria.

A mulher das rotatórias cegas preferia os tons azuis, os pastéis; nela, fecundos pensamentos, divagações, fantasias, feito em si mentes várias. Sentou-se no banco que olha o parque de parques brinquedos. As praças não têm máscaras. Confessionários sem penitências, nelas paira um pacto de nossas verdades, são cúmplices das virtudes e dos vícios, de cheiros em revezamento - do agradável ao acre – memoriais. Os aromas chegavam no mesmo vento que, ao longo das civilizações humanas, alterou estratégias de guerras, modificou o humor da natureza, vibrou em cordas a Mitologia Grega. Sócrates em destaque, sentado ao lado da mulher de azuis e pastéis.

O rossio, de múltiplas faces, sortido de naturezas, vertido de humanidades. Cedinho, adultos caminham. Em suas cabeças a inequívoca pergunta de Sócrates confronta suas existências: “qual o sentido da vida?”.

Em suas caminhadas, a mulher de azul e pastéis portava sempre um minúsculo ramo de galhos verdes, para a contagem das voltas. Nas esquinas do terreiro por vezes via o espectro do filósofo, perguntando-lhe “o que é o amor?”, “o que é justiça?”. Provocação.

Assentado no lado esquerdo da praça e que lhe dava nome, vemos o IPREDE, uma Catedral de almas devotas às crianças e famílias carentes. Dão a eles dignidade, ensinam e alimentam corpo e mente, curam sem macular o fio de ouro da dignidade dos assistidos.

As mães, ciprestes em procissão à Catedral.

Houve dias, em suas caminhadas, a mulher parava em alubrimento: os pequenos soltavam as mãos das mães, corriam em direção ao IPREDE, feito carreiras na praia, ao mar primeiro. Outros niños chegavam, trazidos nos braços faltos das mães. Deixavam a fome em casa, vinham em busca de outra sorte que não a morte.

À tardinha, cadeiras, bancos e mais no que se possa sentar são trazidos pela vizinhança e arrumados em círculo. Verossimilhança. A praça, acrópole dos fiandeiros de histórias, eles se divertem e choram pelo que viveram, dor ou prazer; pelas covardias arrependidas. “Da vida só se leva o que vivemos”, diziam os doutos em existência, brancos cabelos dos “tempos que não voltam mais”. Os motes: a dança no Círculo Militar de Fortaleza

às sextas-feiras, as enfermidades, a alma gêmea, o primeiro beijo, as “violetas velhas sem seu colibri”. Eram niilistas sem letras, outros letrados, incultos. Traziam histórias de pungentes desfechos, “vontade de potência”, de Nietzsche. Não sabiam que sabiam - de novo Sócrates.

A praça, ócio democrático. No banco amigo uma brisa faz ondas na blusa azul da mulher. Ela se perdoa: conselho das flores em volta. Uma árvore centenária a observa de cima, dona do cenário. Biquinha, linda em marrom dourado, com olhar menos embaçado, latiu para a mulher. Cobrou razão.

Uma mãozinha de seis anos saiu das vistas da mãe e puxa a calça pastel, pergunta: “senhora, para onde a gente vai quando a gente morre?”. A mulher sentiu que essa pergunta traria outras. Decidida a conversar, perguntou: - qual é mesmo o seu nome, menininho? E ele: “meu nome é Sócrates”.

Jovina Benigno é poeta, contista e cearense. Foi integrante da Casa de Juvenal Galeno. Cursou Letras. Formada e pós-graduada em Direito. Premiada no Festival de Poesias de 2017 Escola Nova Acrópole. Destaque no XX Festival de Poesias Ideal Clube Prêmio Professor José Telles 2022. Publicada em dez Antologias. Selecionada para as Antologias de contos e de Poesias Selo Off Flip de Paraty 2023. Livros: Versus de Uma Vida - 2020. Cruviana — 2022. Coletivos: Sabático Literário e Escrevientes.

Praça do Jardim Jatobá

Pracinha de interior

— Peguei o uber.

— Ok. Acompanhando aqui.

Mensagens trocadas com meu irmão. Pensamentos com cheiro de mofo me fizeram esquecer a sensação de corpo trêmulo, peito doendo e me levaram ao passado vivido naquele bairro para onde estava indo, Jardim Jatobá.

Quando criança brincava na praça, corria por entre os bancos, pela quadra de areia, todo domingo. Eu não entendia aquela areia de praia, lá nem tinha mar. Eu lembro da alegria, os pais jogando futebol no campo ao lado, os filhos se divertindo, as mães conversando e observando tudo. O que eu mais gostava era de comemorar a vitória do meu pai, embora não soubesse se realmente era o time dele que teria vencido ou não. Não fazia diferença, ele sempre corria sorrindo para festejar comigo.

Outra coisa que recordo é de andar de bicicleta pelas ruas tranquilas, meu pai tentando fazer eu aprender, mas eu ficava bem com as rodinhas, estava segura, nunca me acostumei sem elas, então ele sempre as colocava de volta.

Na adolescência, aguardava ansiosa o dia do evento mensal da prefeitura para passear ao redor da quadra nova com piso de concreto, braço dado com as amigas, conversando, sorrindo e esbanjando simpatia. Era a oportunidade de sair de casa, ver todos fora da escola, de mostrar-se sem uniforme, de escapar da vigília dos pais e encontrá-lo.

Depois de oficializado o namoro, era de braço com ele que caminhava, encontrava os amigos, jogava conversa fora, comia batatinha com “refri” e tomava sorvete. Felizes, éramos jovens felizes. Mas com o mundo já mudado, não dava para ficar até tarde na rua como na época de criança. Cumpríamos esse cuidado, embora não tenha sido suficiente.

Uma noite, nosso grupo foi assaltado, um dos criminosos insinuou que iria se aproveitar das garotas, Marcelo não se conteve, reagiu avançando sobre o cara e foi baleado. Os dois bandidos correram. Morreu ali meu grande amor, na nossa praça, em meus braços.

Com o coração despedaçado, quase definhando, meus pais me convenceram a ir morar com minha ma-

drinha em Natal, era tia além de madrinha, uma segunda mãe. E não mais voltei, a família é que se deslocava para ir me visitar e passear. Terminei o ensino médio, mesmo tendo repetido um ano. Entrei para a faculdade. Estava bem. Até precisar voltar.

Mais um grande amor foi arrancado de mim. Dessa vez, eu viajaria para encontrá-lo. Com tantos querendo prestar uma última homenagem, não foi possível negar que o velório dele acontecesse ali, meu pai era praticamente um fundador da comunidade. Tão querido naquele lugar, de onde só saía para ir me visitar na minha nova cidade. Ele sempre dizia: “quando vim pra cá só tinha mato nesse lugar”. A gente falava que esse bairro era interior, não tinha jeito de bairro da capital. E na verdade, não é mesmo, aqui é Maracanaú.

— Senhora! Chegamos.

A viagem da rodoviária até aqui é longa, garantido, e eu passei esse tempo todo perdida nas minhas lembranças.

Desço do carro, em frente à escola, onde estudei e me apaixonei por Marcelo, mas também de onde fugi por não suportar aquela dor, agora retorno para um buraco ainda maior.

Meu irmão vem até mim, e me abraça.

O rio começa a correr.

Braços me envolvem, muitos. Os amigos que deixei sem olhar para trás, sem entender que eles haviam perdido um amigo, e perderam também a mim quando fui embora. Erros da juventude, julgar que o laço do amor é mais forte que o da amizade.

Trocamos olhares molhados e continuamos a desaguar.

Eles foram um pouco filhos do meu pai nesse tempo, uma forma de suprir minha ausência.

Em poucos passos até o pátio, muitos rostos conhecidos, cumprimentos e condolências. Até enfim chegar perto dele. Minha mãe vem me abraçar, sinto como se eu fosse a pessoa que mais está sofrendo neste momento.

Uma amiga me traz um copo d'água, me convence a ir dar uma volta, acho que visivelmente não estou bem, também pudera, aqui eu respiro dor e morte. Mas me deixo ser levada a caminhar, saímos do colégio, caminhamos pela lateral do campo, até chegar à praça.

Eu congelo olhando o lugar, não tem quase nada que lembre a praça de antes, nem os bancos, nem a quadra. Acho que só restam os cajueiros.

Ela me puxa pela mão para sentar em coisas que eu não sei como chamar. Eu vejo a foto do Marcelo. Mi-

nha amiga fala que nossos amigos e meu pai solicitaram à prefeitura que fizesse uma placa de homenagem a ele. Afinal, foi por tentar defender as amigas e a namorada que ele morreu.

Sentada nessa espécie de jardim circular, nessa nova praça, observo pessoas fazendo exercícios em aparelhos de ginástica, crianças brincando em uma área feita especialmente para elas, o vento balançando as folhas das árvores, trazendo o cheiro de interior. A vida seguindo. Uma nuvem passa nos molhando rapidamente.

O dia mal começou, ainda tenho uma despedida difícil para fazer, mas acho que lavei a mancha da dor que me impedia de entender que ainda há vida neste lugar.

Karine Vasconcelos é escritora cearense, sopra seus textos no Instagram (@soprandotextos), em zines, nas antologias *Histórias de uma Quarentena* (2021); *Elas, a poesia, o infinito* (2022); e na coletânea *Semente Poética - Turma III* (2022). Integra os coletivos Escrevientes, Poexistência e Mulherio das Letras. Participou da organização da foto histórica na cidade de Fortaleza, em junho de 2022, para o movimento “Um Grande Dia para as Escritoras”.

Praça das Fontes

Reencontro: trinta anos e uma eternidade

Ela, jovem, linda, 17 anos, cabelos pretos na cintura. Cursando o Ensino Médio. Criada como uma princesa pelos pais severos, vivia exclusivamente para estudar, nada de ajudar a mãe nos afazeres domésticos para que pudesse tirar as melhores notas e preparar-se para o vestibular.

Ele é jovem, belo e um pouco fanfarrão. Já tinha terminado o Ensino Médio, mas estava naquela fase que ainda não sabe o que quer fazer da própria vida.

Um dia, à boca da noite, ele estava na Praça das Fontes com os amigos, jogando conversa fora quando viu a bela moça passar com os livros nos braços. Seu coração pulsou acelerado, a visão ficou turva, um pouco tonto, precisou se sentar e respirar fundo três vezes, tão forte foi a impressão maravilhosa que ela lhe causou. Depois dessa noite não teve mais um minuto de sossego. Era a garota dos sonhos para casar e ser feliz.

Durante dois meses, bateu ponto na praça com um violão nos braços, e sempre que avistava a jovem, começava a cantarolar canções românticas com o coração quase a sair pela boca, na esperança que um dia qualquer, ela se dignasse a olhar para ele. Os amigos estavam sempre por perto para dar apoio. O rapagão estava completamente apaixonado e era a primeira vez que isso acontecia. Foi arrebatador!

Uma noite, voltando do Colégio Padre Coriolano, ela e duas amigas se encaminharam à praça e ele estava aguardando com o coração em festa. Ela passou com passos de domingo, olhou e sorriu. Ele não viu mais nada, foi como se o sol lhe tivesse ofuscado, continuou tocando o violão como autômato, nem sabia mais que música tocava, tamanho era o encanto que lhe causava.

Semanas depois, a jovem saía da missa, da igreja Nossa senhora da Conceição, passou na praça ao lado e sentou no banco com uma amiga. Ele não perdeu tempo, com violão debaixo do braço se encaminhou até ela e solicitou permissão para lhe falar em particular. Tímida, ela concordou e a amiga se afastou de forma educada. Pediu-lhe oficialmente em namoro. A princípio ela fez um charminho, mas depois aceitou e os dois compartilharam tamanho contentamento, nunca antes sentido.

A alegria dos jovens namorados durou seis me-

ses. O tempo dos pais da moça tomarem conhecimento do fato. A filha bem criada, bem amada, não poderia namorar com um rapaz sem futuro, cujo pai tinha um caráter duvidoso, ninguém sabia como enricara da noite para o dia. De acordo com os pais da jovem, ganhar dinheiro honestamente leva tempo e trabalho duro. Namoro proibido. Moça vigiada. Impossibilidade de encontro. A mãe ia deixar e buscar no colégio para não dar nenhuma oportunidade aos jovens e o namoro continuar.

O tempo passou sobre todas as cabeças dos envolvidos. A vida levou o rapaz para Porto Velho, onde ele entrou no exército, estudou e fez carreira, chegando a ser tenente. Casou, teve um casal de filhos, mas nunca esqueceu o seu primeiro e grande amor de Pacajus.

Ela ficou, não tinha como fugir da vida que seus pais lhe impuseram. Casou e foi morar em Fortaleza. Não teve filhos. Viveu cerca de vinte anos com o marido, achando que era feliz, até perceber que seu casamento não fazia mais sentido. Descobriu que seu marido vivia um relacionamento homoafetivo extraconjugal, e finalmente pediu o divórcio, retornando para a cidade onde nascera, mas, dessa vez, para retomar as rédeas de sua própria vida e recomeçar do zero, se fosse necessário.

Ele, depois de mais de trinta anos de casamento, percebeu que há muito tempo deixara de ser feliz, que

os filhos, muito amados, foram a razão do seu comodismo, de não tomar nenhuma atitude. Agora, com a morte do primogênito que veio a falecer em seus braços, após um acidente de carro, não dava mais para adiar. O coração paterno dilacerado o fez repensar sua vida. Pediu o divórcio e retornou para sua terra natal.

Sim, agora, ambos estavam em Pacajus-Ce querendo reconstruir suas vidas interrompidas. Não fazia mais sentido postergar o óbvio. Ele queria reencontrar o amor de sua juventude. Procurou a família que há muito tempo não via, precisava de apoio, mas, dessa vez, não iria desistir como no passado. Chegara o tempo de viver o que seu coração ordenava.

Uma festa de aniversário de 80 anos de um parente era a ocasião perfeita para vê-la. Procurou uma amiga em comum para fazer a mediação do encontro com sua amada, desejada e jamais esquecida. Tudo foi planejado nos mínimos detalhes e seu coração ansioso só pensava em revê-la. Queria saber o que sentiria quando estivesse frente a frente, olhos nos olhos. Sabia que era uma prova de fogo.

Data marcada, aniversário acontecendo, ele aguardando. Ela chega deslumbrante, caminha com tanta leveza que parece flutuar entre os convidados. Ele a olha de longe sem acreditar nos próprios olhos...Linda! Linda! Linda! A

beleza estonteante, o perfume ainda o inebriava, o sorriso derretia seu coração. O amor estava vivo, vibrante, pulsante, e tão forte como no primeiro dia em que a viu.

Ela, tímida, disfarçando os múltiplos e mistos sentimentos, coração acelerado, quase pulando do peito, faces ligeiramente avermelhadas, caminhava devagarinho, um pouco inebriada, enquanto cumprimentava os convidados com um leve sorriso, sabia que um par de olhos a seguia a todo instante, no salão. Finalmente chega, olha em seus olhos e diz: — Olá!

O coração dele dispara como há 30 anos, sabe que dessa vez, aconteça o que acontecer, não vai deixá-la jamais escapar. Segura a sua mão e a cumprimenta. Ambos saem para o jardim, precisam de privacidade para acalmar os corações palpitantes, precisam respirar, têm muito o que conversar. Não têm pressa, não agora. O futuro é uma promessa de felicidade e ambos querem fazer acontecer.

Leide Freitas é cearense. Escreve desde a adolescência e destruiu a maioria dos seus textos e poemas, adiando seu desejo de escrever, esperando o momento certo que nunca chegou. Participa dos Coletivos: *Escrevientes*, *Poexistência* e *Mulherio das Letras do Ceará*. Livro publicado: *O Diário de Sabrina* — PAIC, prosa e poesia. E-book: *Em tempos de pandemia*. Tem trabalhos publicados em Antologias e Revistas Digitais. Instagram: @leidefreitas.luz

Praça do Theatro José de Alencar

O que nos olha - o que nos vê

O sinal fechado. Um homem de azul espera pra atravessar, uma mãe equilibra seu filho no colo. Os ônibus seguindo seus fluxos apressados, talvez estejam atrasados e quem não tá. O sinal abre, pés, mãos, sol, pressa. No banco da praça, uma mãe equilibra a filha e conta o troco do cliente, quando escuta ele perguntar se é sempre assim, entrega o suco. Brinca dizendo que faz o que pode.

A menina corre solta pela praça. Ao lado uma senhora espera alguém, conta o tempo com os olhos que se deitam no relógio, enquanto as mãos se concentram nos pontos do crochê. Provavelmente, acontecia alguma apresentação no teatro, dava pra ouvir os barulhos, a mulher imaginava como seria lá dentro. A menina corre como se fosse esse seu movimento natural, a senhora continua entre pontos e ponteiros. A vendedora tenta chamar clientes. Antes tinha vergonha, mas lembra dos boletos e do aluguel prestes a vencer,

então improvisa. Vira atriz e imposta com sua melhor voz: Olha o salgado, com suco fica só cinco reais!!

A menina cai no chão. Chega um cliente. A pequena não segura o choro, começa a gritar, o joelho ralado. A mãe se divide entre oferecer o salgado e socorrer a filha, torcendo pra não perder a venda. A idosa termina o crochê, um cachecol, embora se pergunte o que faria com um cachecol no calor de Fortaleza. O olhar dela sobre os pontos entrelaçados que se materializaram numa peça de roupa, como se contemplasse ali também não só o esforço de suas mãos mas a ausência, estampada nas suas mãos, a solidão com aderência ao tato.

A boca da menina que não para de se mexer ao som dos berros, já no colo da mãe respira aliviada. O cliente reclama da demora, resmungando alguma coisa “ou trabalha ou cuida dos filhos, os dois não dá». A mulher sorri dizendo que não é só vendedora, ela é também equilibrista, no instante em que entrega o salgado, a menina coreografa no colo uma tentativa de fuga, deixou ir, deixou correr. Respirou fundo, era esse mesmo o movimento habitual.

E os passos apressados, no seu fluxo natural, esbarram nos da senhora, que com seu cachecol em mãos já se levanta pra ir embora, já não deitava mais os olhos no relógio, tinha perdido a esperança. A menina encara

a senhora com um sorriso que cheira a descobertas, a senhora que já não sabe mais o que era descobrir, acende naquele momento alguma fagulha de esperança nos olhos com o sorriso espontâneo, ligeiro, sincero. A mãe de longe observa com certo alívio. O olhar de uma atravessa a outra, nos mesmos fios de crochê que a senhora manuseava, triangulam-se os olhos de descoberta. O que nos olha... o que nos vê.

Leticia Moreira é escritora e atriz formada pela Universidade Federal do Pará. Escreveu seu 1º livro de poesia *Gotas de Rio* publicado por financiamento coletivo em 2022, escreve newsletter e em revistas colaborativas. Trabalha com oficina de escrita criativa com enfoque em técnicas teatrais aplicada à literatura. Ministrou a primeira oficina em Belém, aprovou esse mesmo projeto num edital cultural, agora segue com as oficinas de forma independente e online. Instagram: @leticiaacmoreira

Praça Jonas Gomes de Freitas

Enquanto a lua brilhava no céu

Eu não me lembro exatamente de quando, nem sei se mudaria meu jeito de sentir. Prefiro pensar que aconteceu em um tempo em que as pessoas não viviam aprisionadas à tela do celular. Em um tempo em que as meninas saíam para passear pelas ruas, conversando e rindo em voz alta sem medo de serem abordadas por algum desconhecido disposto a roubar seus pertences ou, até mesmo, a sua dignidade. Naquela época, eu ainda era romântica e me emocionava com poemas sem métrica e músicas extremamente piegas sobre amores que duram a vida inteira.

Então é fácil perceber que eu acreditava que nosso amor juvenil iria atravessar os anos e amadurecer feito fruto no alto de uma árvore frondosa. daquelas que crescem desafiando o céu, servem de lar para os animais, sombra para os leitores e placa para os apaixonados. Eu e ele éramos dois jovens inexperientes que se

encantavam por toda e qualquer oportunidade de estarem juntos sob a luz do luar.

Foi então que ele me convidou para vê-lo jogando basquete na pracinha do North Shopping. Hoje, eu reviraria os olhos para um convite dessa natureza, mas no auge dos meus dezoito anos, eu ainda não havia aprendido a dizer não. Além disso, eu sabia o quanto ele adorava esse esporte que era tão avesso aos meus gostos pessoais. Até porque eu tenho 1,55cm. Eis um traço que não se alterou com o passar do tempo. Enquanto ele brilhava com seus quase dois metros de altura. De início essa diferença me incomodava, mas depois me acostumei e no final até que gostava. Hoje raramente me relaciono com pessoas de baixa estatura. Vai ver fui traçando um padrão sem perceber.

E foi também de forma distraída que eu cheguei àquele lugar rodeado de árvores e com péssima iluminação. Fui caminhando devagar, porque de longe já o havia avistado (privilégio que os altos não valorizam). E passei por uma criança aprendendo a andar de bicicleta ao mesmo tempo que chupava um pirulito e deixava a mãe aos gritos com medo de ela cair e se engasgar. De imediato, lembrei-me também de quando dei minhas primeiras pedaladas e caí várias vezes até aprender a me equilibrar. Às vezes, tudo é uma questão de perseverança. Adiante, notei um casal passeando um pouco afastados. Logo, ima-

ginei que o relacionamento deles não estava indo muito bem, porque eu comparo a proximidade dos corpos à dos sentimentos. Digo isso, porque eu e meu namorado sempre andávamos de mãos dadas. Ainda que ele preferisse que fosse abraçado. (Coisa de geminiano que gosta de demonstrar publicamente seus desejos!).

Contudo, o que realmente prendeu meus olhos não foram os idosos sorrindo e jogando dama, o cheiro da pipoca, o brilho dos pastéis oleosos, a alegria dos cachorrinhos arrastando seus donos, as flores que haviam caído romanticamente no outro lado da calçada bem perto do coreto que parecia um templo para noivos ou o brilho da lua no céu enquanto tudo isso acontecia e eu narrava mentalmente. O que segurou minha visão e fechou minha expressão foram os olhos derretidos de três meninas sorrindo para ele enquanto corria e enterrava a bola na cesta, correspondendo os sorrisos. Fiquei olhando aquela falta de vergonha tão típica da juventude e senti que o suor a escorrer pelas costas dele escorria pelo meu rosto também, mas repeti mentalmente que não faria nenhum escândalo. Sempre agi com diplomacia. Esperei.

Sentada de pernas cruzadas em um banquinho assistindo de camarote à cena daqueles gritinhos endoiçados delas e o quanto ele e os amigos dele (alcoviteiros sem vergonhas) sorriam em agradecimento.

Até que ele me viu.

Correu ao meu encontro enquanto eu fingia que estava entretida olhando uma menina que empurrava um carrinho de boneca. Ah, como eu odiava o fato de a gente ser educada para ser uma boa namorada, esposa e mãe desde cedo enquanto nossos parceiros sequer aprendiam a se comportar enquanto batiam uma bola no chão girando até pular e enterrá-la numa cesta velha. Eu estava enfurecida.

Ele não percebeu. Abraçou-me ali mesmo e me beijou. Nem deu tempo de eu reclamar do suor que grudava ao meu corpo nem de reclamar daquela paquera que agora meus olhos não tinham mais tanta certeza. É que os colegas também estavam abraçando suas namoradas. Aquelas ditas meninas que eu havia “visto” desejando o meu.

Desfiz meu bico e abri um sorriso cínico. Elogiei o jogo que há instantes odiara e prometi que ia aprender a jogar também, mesmo sendo uma hobbit no meio de gigantes sorridentes e suados.

Ele me apresentou para todo mundo (inclusive para as meninas que de perto pareciam bem simpáticas e sociáveis) e comprou um sorvete para a gente ir tomando enquanto caminhávamos de volta para casa. Ele alegre com a minha presença e eu alegre com a constatação de sua suposta fidelidade.

Se aquela praça iria ser abandonada anos depois, quando construísem um parque imenso e convidativo logo ao lado, e se o jogador de basquete iria enterrar suas cestas bem longe dos meus olhos, eu sequer cogitaria naquele tempo. Naquele dia, eu só queria saber das mãos grandes dele segurando as minhas, pequenas e tímidas, e do gosto do sorvete que, em instantes, se misturaria ao nosso beijo que seria repetido na minha mente quando eu fosse me deitar e eternizado em meu diário e na minha memória até agora, enquanto passeio os dedos no mouse do computador percorrendo a praça através do Google Maps, porque estou cansada demais para ir ver jogos de basquete na praça enquanto uma lua enorme nos espreita e brilha bem alto no céu.

Luciana Braga é professora, pesquisadora, escritora e doutoranda em Literatura Comparada pela UFC, autora da capa da obra *Mulheres do Ceará: Literatura, cultura, arte e ofícios* (2019), integrante dos coletivos *Tear de História, Poexistência e Escrevientes*; co-autora e ilustradora da antologia *Todas as formas que há de amar* (2020), participou das coletâneas *Pelo direito de amar* (2021), *Histórias de uma quarentena* (2021) e a *Coletânea de Crônicas da Unifor* (2022). Lançou seu livro de crônicas *Escrita Infinita* em 2021 e em 2023, *Sol*, seu primeiro livro infantil.

Praça Dr. Raimundo Maciel de Brito

O último embalo

Duas irmãs se encontram mais de vinte anos depois. a mais nova delas, aos vinte e dois anos, conheceu um gringo, se casou e foi morar na itália. a outra, três anos mais velha, continuou no mesmo bairro onde cresceram e constituiu família.

no caminho da casa da infância, na parquelândia, fortaleza, ceará, o desenho incomum do triângulo da praça dr. raimundo maciel de brito desperta as memórias daquela que hoje vive fora do brasil. ao rever os arbustos de ixora, florezinhas miúdas, seus olhos vermelham. tantas vezes arrancamos essas flores e fizemos buquê pra dar pra mainha. lembra como ela gostava? a gente colocava no cabelo dela e ela ficava toda contente, sentada bem ali naquele banco de cimento vendo a gente brincar.

mulher, era bom demais! naquele tempo era tudo mais tranquilo. o carro vai chegando na casa, aperta o controle do portão, entram pela garagem. tu devetá cansadinha, viagem longa, né? gira a chave da porta da sala. vou botar tua mala aqui no cantinho, depois a gente leva pro quarto. umbora direto lá pra cozinha, vou passar um cafezinho quentinho pra gente renovar a energia. liga o fogão e coloca a panela com água para ferver. depois que tu foi embora aconteceu tanta coisa, o bairro mudou muito.

pois quero saber de tudo, todos os babados. eu tô com tanta vontade de comer o pastel gigante da pracinha. de noite a gente vai jantar lá, né? me lembro que às vezes a gente nem conseguia comer tudo, tinha que dividir. papai ficava bravo quando estragava comida. a água começa a fervura. enquanto as bolhas sobem, a irmã que ficou na cidade separa o pó, açúcar e coador. a que veio de fora pega um copo no balcão, enche com água do filtro e se senta.

tu acredita que o pastel fechou? funcionou muitos anos e acabou mudando o ponto, mas se tu quiser a gente vai no novo. olhe, se eu te contar que na época o pessoal do bairro ficou com medo, principalmente as famílias. a gente passou um tempão sem levar os meninos na pracinha. adiciona o pó e o açúcar na panela. coa

o café direto na garrafa. pega as xícaras para servir e se senta com a irmã. a fumaça do café toca a parte inferior do rosto delas.

a gente tava lá quando aconteceu. foi num fim de semana, não lembro direito, mas acho que foi no final dos anos 90. os meninos ainda eram pequenos, uma devia ter sete e o outro nove anos. um casal chegou e sentou do lado da nossa mesa. família jovem, sabe? o pai vendo o jogo na televisão e a mãe com uma menina linda, bebezinha de dois aninhos no colo. logo ela se agitou e a mãe levou pro balanço. o pai chamou o garçom e fez o pedido. enquanto ele assistia futebol, ela empurrava a criança com todo cuidado. lembro-me da bebezinha com as bochechinhas rosadinhas, quanto mais ela sorria, mais corava. os olhos grandes e brilhantes. o vento chega fazia desenhos no ar com o cabelinho ondulado indo e vindo.

mirmã, o pai tava passado, hipnotizado com o jogo, via mais nada. o garçom chamou quando o lanche ficou pronto. tu lembra que ele agitava a sineta e a gente pegava no balcão? mas o homem nem tchum, não percebeu. a mãe escutou e balançou a filha no último embalo aproveitando o tempo do impulso pra buscar a comida. ela não sabia se olhava a menina ou se ia, mas foi tentando fazer os dois, tu sabe como é mãe.

enquanto ela virou pra pegar a bandeja do lanche, nesse instante se distraiu conferindo o pedido no balcão. o pai tava comemorando o gol com o galvão bueno. do nada, passou um vento frio, cortante, sabe? ela me disse que sentiu um arrepio horrível na espinha, que o coração apertou e teve até pontada no estômago. de repente o balanço ficou mais leve no ar. a gente tava comendo pastel e nos assustamos com a dor dela ecoando na praça: amor, cadê a menina, amor? cadê minha filha? filhaaaaaaaa... ela passou mal, quase desmaiou agoniada. eu levantei pra acudir.

ái foi aquela confusão. o pai que não tinha visto a filha, saiu desesperado procurando. vocês viram uma menininha de dois anos com vestido... e ninguém dava notícia. depois de procurar na praça, acionou a viatura no orelhão. os policiais chegaram rápido e fizeram perguntas pra todo mundo, até pros pais da criança. o pai era bancário, a mãe dona de casa, trancou a faculdade pra cuidar da filha.

por fim, a babá de um menino que tava no parquinho conversou com os policiais. ela disse que viu um homem tirando uma bebezinha do balanço e carregando no braço. aí começaram as buscas nos arredores. vários policiais se dividiram nas ruas atrás de um homem carregando uma menina de dois aninhos que tava com vestidinho rosa e sapatinho branco. ela parecia uma bonequinha.

lembro que no dia seguinte o testemunho da babá passou no jornal. ela dizendo que tinha sido tudo muito ligeiro, que tava olhando o filho da patroa no es-corregador e viu um homem de bermuda jeans e cami-seta escura. falou que ele não era velho, mas também não era novo. e carregou a bichinha... tão miudinha. ela achou que o homem fosse o pai.

a mãe da menininha ainda mora aqui no bairro, virou minha amiga. coitada, mulher, até hoje ela diz que vê dentro da cabeça a imagem da filha de vestidinho rosa no balanço sorrindo com os olhos. ela se lembra que a última vez que tocou a filha foi pelas costas, atra-vés do metal frio e colorido em tons primários.

Luciana Andradito é retratista de instantes, cartógrafa de sentimen-tos e mediadora cultural. Nordestina nortista, nascida em Fortaleza-CE em 1989, beira o Bico do Papagaio e vive em Araguatins-TO. Formada em Teatro pela Universidade Federal do Tocantins. Integra a equipe de poetas do Fazia Poesia, o coletivo Escreviventes e o grupo Lizete. Publicou o livro de poemas *Primeira Aparição da Manhã*, editora Toma Aí Um Poema, 2022. Participa de antologias. @lucianaandradito

Praça Clóvis Beviláqua

Vi Nascer

Talvez a cidade não fosse tão grande, os caminhos não fossem difíceis. Os olhos se enchiam das cores, nas lojas, nos prédios, na arquitetura. Se perdiam nas belezas desconhecidas, nos espaços nunca vistos. A migração da pequena cidade do interior para a capital impunha a Bia o desafio de transitar, de uma rede de relações familiares, para um universo amplo, desconhecido, que causa um calafrio na espinha, mas que lhe ensina o empenho, a obstinação em vencer. No seu diário, que não a abandona nunca, relata a saudade de caminhar de mãos dadas com sua mãe, no caminho para igreja, olhando os vidros barrigudos da loja de seu Zequinha, na esquina da praça, cheios de bonecas, chupetas e bichinhos de açúcar confeitado bons de ver e proibidos, não só pelas precárias condições financeiras, mas pelas cáries. Seu pai dizia, meio que vencendo a rigidez ma-

terna, “um dia desses ainda levo minha caçulinha para se fartar desses doces”. Esse dia nunca veio.

Os tempos ensinam a duvidar, mas também a crer. Os tempos ensinam a sofrer e ver as desigualdades. Nada mais curativo que o amor, uns pelos outros. Aquele dia, o ônibus lotado, range, vagaroso, vozes altas, xingamentos, enfim chega. Desce as escadas da faculdade de direito enfatiada, sem vontade de olhar o casarão, a mochila pesada marca o ombro, amarrota a blusa branquinha, era ela só, teria que passar novamente quando retornasse. Olha a praça e, no primeiro instante, não vê sequer a estátua de Clóvis Beviláqua. Precisa de tempo porque o relógio corre. Não sabia se queria ver, mas se sabia envolvida. Encostou-se numa das colunas, meio que escondida. O espaço entre eles era tomado por plantas em todo o terreno que era usado para os helicópteros no tráfego de doentes para o IJF. Porque queria examinar aquilo, curiosidade, alvoroço, ofegante. Olhava. Não era o primeiro casal que via. Aqueles não eram comuns. Entre a empatia e o constrangimento, seus olhos não se despregavam deles. Outras pessoas já se aglomeravam. “Homem, me segure, vou morrer” a voz transida de dor atravessa a manhã, a praça, os rostos dos curiosos. Bia entende. Na cabeça dela, assim como na maioria dos que se esgueiravam olhando o casal, dava para ver pela maneira sorrateira, imaginavam uma pe-

gação, um sexo acalorado pelo sol da manhã. O grito do bebê. A mulher paria. Talvez mais fácil, se aperceber desnecessária, caminhar seus passos, esquecida do que via. Bia se aproxima, em meio à balbúrdia de gente que se forma. Parte do peso na mochila eram roupas para recém-nascido. Muitos dias teria que trabalhar na confecção da irmã para repor a manta que ora cobria o ser desprovido de recursos. O grande jurista, cuja placa comemorativa servia de cama para a criança e que em vida registrara como filhas as netas, entenderia seu gesto.

Lucirene Façanha participou de 14 antologias e coletâneas. Publicou O homem na janela pela Lua azul edições em 2021. Destaque em 2020 no concurso Ideal Clube. Publicou pela Amazon os ebook's O elo e Silêncio sobre o algodão. Em 2021 e 2022, foi selecionada no concurso IFPB com primeiro e quinto lugares, respectivamente. Em 2022, publicou pela Caravana grupo editorial, Hecatombe. Associada da ACE. Uma das articuladoras do mulherio das letras Ceará. Integra os grupos de leitura Conversa e CPLI.

Praça Dragão do Mar

A alforria de Maria

— Olha que eu tô avisando: não cai na besteira de se apaixonar por mim.

— Você é muito convencida, né, Judite? Tô só olhando porque você não é de todo feia, mesmo assim toda esgadelhada. Vai que tinha até jeito, arrumadinha... Mas apaixonar, né? Menos. Baixa a bola, nega.

— Sei que o último que ficou me olhando assim logo na primeira noite, quando chegou a última, vi chorando.

— Não tô dizendo mesmo!

— E não me importo, viu? Quer chorar, chora. Tem gente que diz até que faz bem. Matar, não mata. Já chorei muito também. Só anota isso para não reclamar depois: você foi avisado e daqui para frente é problema seu.

Esbravejavam os dois numa altura audível até lá no Bixiga, onde o samba vinha comendo solto.

O policial havia se aproximado, achando que ia separar uma briga e acabou, discretamente, rindo. Desde que Seu Dragão do Mar libertou a primeira negrinha cearense, todas as outras ficaram assim convencidas, pensou sem dizer. Pensou até com medo de pensar. Nos últimos tempos, todo dia tem uma abolição nova. Hoje, se falasse isso alto, ia ser chamado de racista. Mas ele não era racista, claro. O pai dele era quase negro inclusive. Ele só deu sorte de a mãe querer o velho mesmo assim. Pensava isso desde criança, mas não dizia, porque não era racista de jeito nenhum. A vida é que é.

Escolheu ser policial ainda menino, porque ali perto do Poço da Draga, onde ele cresceu, sempre teve muita bandidagem. Apanhou um bocado, para não se meter com as pessoas erradas. Da mãe e do pai. De quem estivesse por perto quando ele teimava em andar com os *sem-futuro*, como eram chamados os malandros durante o jantar. No fundo, ainda tinha muita raiva guardada disso aí. Ia precisar bater em muito vagabundo pra compensar as surras que levou sem merecer. E por isso lutou, posto após posto, para conseguir voltar para perto dos pais. Ele ia mostrar que nunca deu pra bandido. Ia provar que podia mesmo era bater neles até eles se endireitarem, como dizia o pai. Bater pra ficar direito, de bem.

Até então tinham sido só uns empurrões e poucos pescotapas. “Isso é tipo chamego”, riam os colegas na troca de farda. “Você é mole, João”, mangavam sempre. “Um dia você pega o jeito. O dia que você bater de verdade vai ver a diferença. Vai pegar gosto”, previam os mais antigos.

Ele achou que podia ser aquele dia. Naquele homem com quem a morena gritava. Para defender uma mulher chega a ser até honroso, vamos combinar. Pra proteger uma mulher direita é justo. O povo nem acha ruim. Talvez até goste.

— Tudo bem por aqui, cidadão?

— Tudo tranquilo, autoridade.

— Confirma, senhora?

— Na paz – murmurou levantando a cabeça e logo apertando os olhos. — Acho que conheço o senhor.

— De onde? – duvidou.

— Cresceu aqui na região, não foi? Duas ruas ali pra trás. Fui da sala da sua irmã na escola, a Maria, ali na São Rafael, perto da praia. Você não é o João? É sim! João e Maria, a gente ria muito. Não lembra de mim?

Mulher quando desembesta a falar, pensava ele arrependido da aproximação. Não lembrava. Queria esquecer-se de Maria também, igual fez a mãe.

Ela apanhou menos. Começou a trabalhar foi cedo ali na praça. Sempre teve muita moça trabalhando ali. Os supostos amigos diziam com olhar jocoso que era muito boa de serviço. Nem esforçada não. Talentosa mesmo. Contavam para ele durante o futebol. E era por isso que ele entrava em confusão. O pai, achando que era outra coisa, ralhava. Depois se arrependeu.

— Nunca mais vi ela por aqui.

— Maria morreu — interrompeu abruptamente.

— Como? — murmurou assustada e pegando o celular. — Mas não é possível. Essa aqui, não é ela? — mostrou sua rede social, que é como as pessoas fingem se manter amigas por toda a vida hoje em dia.

— Maria morreu tem bem quinze anos — cravou se afastando, sem olhar para o aparelho, nem para a neguinha abusada. Ele sabia que era abusada.

Maria pegou sua Liberdade ainda nova e caiu no mundo. Sem onda, sem marola, sem afundar, só foi. Não ia aceitar nem um só dia de castigos físicos, não importava se vinha marcada na pele mais por seu pai que por sua mãe, na cor do pecado, na cor errada.

Maria não trabalhava na praça não. Maria amava. Amava demais, cheia de vontade. Era mulher dragão soltando fogo por todos os lados. Madalena.

Decretou sua alforria e foi sem olhar para trás. Foi com um moço chamado Chico, talvez fosse um preságio. Chico também amou com fogo. Na primeira noite, olhou para ela igual o risonho para Judite. Mas Maria não arengou, nem pensou em fazer ele chorar. Pelo menos não de triste.

João que não seguiu Maria, ficou com as migalhas do pão. Preso para sempre no açoite da noite daquela praça vadia. Vendo em toda Judite uma irmã, talvez uma nova oportunidade de salvar sua honra, de mostrar sua força, de impedir a dor do pai. Não foi naquela noite, mais uma vez naufrágio de expectativas.

Nunca se sabe o destino da Liberdade.

Mas é sempre preciso lançar-se ao mar.

Patrícia Baldez (*partsy.79*) é formada em Comunicação e História. Talvez por isso tenha uma necessidade visceral de comunicar suas histórias cotidianamente. Tem a leitura e a interpretação da vida como um hábito. Escreve numa tentativa de entender o mundo ao redor e o interno também. Nem sempre consegue, mas está decidida a continuar tentando. Embora nascida em Brasília, se considera escritora cearense. Foi na Terra da Luz que seus textos se iluminaram. Participa de revistas, antologias, coletâneas, blogs e tem três livros autopublicados na Amazon.



Coletivo
EscreViventes

Posfácio

Escrever uma cidade. Andar por ela sem os pés. Sentir o vento, os cheiros. Enxergar as cores do que vai por dentro. Ler uma cidade.

As dezessete autoras que compõem esta obra nos oferecem uma experiência que vai além da descrição. Os personagens que habitam as praças e as ruas de Fortaleza são pessoas comuns e não são. Somos eu e você, nossos vizinhos e parentes, alguém que a gente conheceu em vidas passadas ou que nunca desejaríamos ter encontrado, “gente que encontrava muitos modos de ocupar” um lugar.

Contar a partir da memória é sempre reconstruir, por isso os lugares podem não ser os mesmos para quem volta. “Uma praça muda de lugar?”, pergunta a mulher que busca reviver os encontros com a amiga. Talvez o que você vá encontrar aqui seja justamente o que não mais existe, um lugar esquecido (e lembrado) na cidade do sol.

Carla Guerson, *Coletivo Escrevientes*.

Praças de Fortaleza

Para visualizar a praça no Google Street View, utilize o QR Code ou o link disponibilizados.

Praça dos Leões

O nome oficial é Praça General Tibúrcio. Popularmente é conhecida como praça dos Leões. Começou a ser pensada desde os tempos da construção da Igreja Nossa Senhora do Rosário, em 1730, onde havia um areal em frente ao Palácio do Governo. Em 1831, o Largo do Palácio foi planejado e ela foi inaugurada em 1856. Mas, somente em 1887 recebe o nome de praça General Tibúrcio, homenagem ao general cearense, que havia participado da Guerra do Paraguai. E, em 1912, são instaladas as estátuas dos leões. Há, também, a da escritora Rachel de Queiroz em um dos bancos da praça.



<https://goo.gl/maps/9QooEcrNGoYmp52v6>



Praça das Flores

O primeiro nome que recebeu foi praça Clóvis Beviláqua, em 1945. Depois, muda para praça José Acióli. Em 1965, passa a chamar-se Bosque Eudoro Correia, embora também fosse conhecida como Praça do Hospital Mili-

tar (que fica em frente), e depois como Feira das Flores e Praça das Flores, com boxes e espaços para venda de mudas de plantas, flores e jarros. Em 2016, houve uma requalificação da praça, fruto de parceria público-privada. Com cerca de 22 mil m², o espaço ganha novo nome: praça Doutor Carlos Alberto Stuart Gomes. Dispõe de quadra, área infantil e área de sombra para a prática de esportes.



<https://goo.gl/maps/BFoK2SjrU7Ek7ECm9>



Praça Portugal

Antes de ter o formato circular, como uma rotatória, ela recebeu o nome de praça Nunes Weyne. Mas, em 1947, recebeu oficialmente a denominação de praça Portugal, em homenagem ao país colonizador, e fica localizada no cruzamento das avenidas Dom Luís e Desembargador Moreira. Em 1968 foi inaugurada oficialmente e passou por reformas. A última delas foi em 2016, com a praça aumentando de tamanho: passou de 7.545,49m² para 10.394,12m², com cinco novos espaços de convivência. No entorno, lojas em shoppings. A cada final do ano, uma árvore de natal gigante é montada na praça.



<https://goo.gl/maps/iXcJS4iSyoH2zrVo8>



Praça do Lago Azul

A praça do Lago Azul ficou conhecida por este nome por ficar nas imediações do Condomínio Residencial Lago Azul, no bairro Barroso. Em 2016, a praça do Lago Azul recebeu melhorias na infraestrutura e uma nova academia ao ar livre. Até o primeiro semestre de 2023 (data de elaboração deste livro), os moradores esperavam a construção de uma miniareninha no campinho próximo à praça, para que a comunidade tenha acesso a esporte e lazer. De acordo com a Secretaria Municipal da Gestão Regional (SeGer), da Prefeitura, está sendo elaborado um relatório para a reforma do espaço e análise de viabilidade de uma areninha.



<https://goo.gl/maps/hSZKg71hrPWkjTGh8>



Praça da Gentilândia

Próximo à reitoria da Universidade Federal do Ceará (UFC), no bairro Benfica, a praça da Gentilândia registra efervescência cultural em um espaço de lazer e sociabilidade. Ao longo dos anos tem sido palco de blocos de carnaval e dos festivais de cultura da UFC, ponto de encontro e de luta pela diversidade sexual, além de movimentos sociais. A denominação da praça foi dada em homenagem a José Gentil Alves de Carvalho, que veio de

Sobral para Fortaleza e fez nome e fortuna na cidade. O solar da família, inclusive, depois de reformado, passou a ser a sede da Reitoria da UFC, enquanto os outros casarões abrigam as casas de cultura estrangeiras, pró-reitorias e blocos didáticos.



<https://goo.gl/maps/qWL3nq7mEfixZujk6>



Praça dos Stressados

A placa comemorativa assinala: a praça dos Stressados foi inaugurada em 1995, reformada em 2007, sendo construída e mantida pelo grupo de stressados, pessoas que caminham, correm e conversam no calçadão da mais conhecida praia urbana de Fortaleza. Aberta a todos, é uma oportunidade para relaxar em um dos bancos disponíveis. A praça está localizada na Av. Beira Mar, com espaço dedicado para a prática de atividades físicas, em área de cerca de 132 m². Com o intuito de integrar e incentivar a cultura, foi criado um espaço para leitura. Enquanto as crianças podem se divertir no parquinho, a estrutura arborizada do lugar é um convite para o lazer ao ar livre.



<https://goo.gl/maps/yAsW22eVMabB6c5k6>



Praça do Ferreira

Em uma área de 7.603 metros quadrados, ela é conhecida como o coração de Fortaleza. Em 1871, a praça do Ferreira recebeu este nome, numa homenagem ao Boticário Ferreira, responsável pela reforma e urbanização do local, enquanto ocupou o cargo de presidente da Câmara Municipal. Ao longo dos anos, a praça recebeu vários nomes, como Feira Nova, Largo das Trincheiras, Pedro II, Municipal e, por último, do Ferreira. Cenário e palco de manifestações culturais e artísticas, tem na Coluna da Hora, inaugurada na virada de 1933 para 1934, um dos principais ícones da história de Fortaleza.



<https://goo.gl/maps/dmfasYWqtdB121E49>



Praça Murilo Borges

Inaugurada em 1983, a praça é uma homenagem a Murilo Borges Moreira, que foi presidente do Banco do Nordeste, e o último prefeito eleito de Fortaleza, antes do golpe militar de 1964. A iniciativa foi do próprio banco, com projeto do arquiteto Otacílio Lima Neto. Popularmente, ficou conhecida como praça do Banco do Nordeste. Em 1984 foi instalada uma fonte iluminada, que ofi-



cialmente tinha a denominação de Fonte das Nereidas, adquirida da Alemanha. Por ter três cavalos marinhos, passou a ser chamada carinhosamente de Fonte dos Cavalinhos.

<https://goo.gl/maps/oSeznc2cAsgfEdty9>



Praça do Sonho — Gengibre

A praça do Sonho do Gengibre tem nome oficial de Praça Luís Gonzaga, e existe desde 2018. A comunidade do Gengibre, com 520 famílias, está no bairro Manuel Dias Branco. O espaço surgiu após a Prefeitura de Fortaleza retirar moradores que haviam invadido a área. Situada na esquina das ruas Aldízio Mosca de Carvalho e Coronel Nogueira Paes, o espaço aguardava, até o primeiro semestre de 2023 (data de elaboração deste livro), um projeto arquitetônico que, segundo a PMF, está elaborado e em fase de arrecadação de recursos. Estão previstos nova iluminação, bancos, mesa de jogos, lixeiras, piso tátil, rampas de acesso e pavimentação em piso intertravado.



<https://goo.gl/maps/FwS83vKip9dN73Jf9>



Praça do Iprede

A praça Antônio Ferreira Magalhães, na Cidade dos Funcionários, foi inaugurada em 1992. É conhecida como praça do Iprede, por ficar em frente ao Instituto Primeira Infância, que apoia crianças em situação de desnutrição. Passou por reforma em 2015, com iluminação renovada, restauração do piso e meio fio, novos bancos, além de pintura e alambrado na quadra. O espaço também ganhou um parque infantil do projeto Praça Amiga da Criança que instala, em espaços públicos de Fortaleza, parques infantis com brinquedos como gangorras, escorregadores e carrossel; e uma academia ao ar livre para a prática de exercícios. Desde esse período, a praça foi adotada pela Imperium Buffet.



<https://goo.gl/maps/LGVHN4vwAS5AgaFV7>



Praça Clóvis Beviláqua

Em meados do século XIX, a praça Clóvis Beviláqua se chamava praça do Encanamento. Tinha este nome por conta do sistema de abastecimento de água para a cidade com a instalação de chafarizes, quando se estendeu a partir do Benfica. Anos depois, a praça recebeu o nome de Visconde de Pelotas, homenagem ao herói da Guerra do Paraguai, marechal Antônio Correia da Câmara. Com o processo de urba-

nização realizado em 1930, pelo então prefeito Álvaro Weyne, a praça passou a se chamar Praça da Bandeira, nome que só foi realmente oficializado sete anos depois na gestão de Raimundo de Alencar Araripe. Em 1959, o nome é mudado e passa a homenagear o jurista Clóvis Beviláqua. O antigo nome foi então transferido para a Praça do Colégio Militar. No entanto, ainda hoje, o local é conhecido pelos fortalezenses como da Praça da Bandeira.



<https://goo.gl/maps/ESfjTsPTgNkVFNyW7>



Praça José de Alencar

Antes de homenagear o escritor cearense José de Alencar, o logradouro era conhecido como Praça do Patrocínio, por estar em frente à Igreja de Nossa Senhora do Patrocínio. Mas, a partir de 1870, passou a se chamar Marquês de Herival. No dia 17 de julho de 1910, a praça recebe o Theatro José de Alencar e, em 1929, por iniciativa do jornalista Gilberto Câmara, foi colocada no centro da praça uma estátua de José de Alencar. Com isso, a praça passou a ser conhecida pelo nome do escritor, permanecendo até hoje. A Praça José de Alencar também integra o conjunto de praças que fazem parte do projeto Praças Conectadas que disponibiliza o acesso à internet banda larga gratuita.



<https://goo.gl/maps/g1mYpzFsXUq1MkVW7>



Praça Dragão do Mar / Praça Almirante Saldanha

A praça foi criada no início do século XIX, chamada inicialmente de praça da Alfândega, em virtude do prédio da Alfândega (atualmente Porto Iracema das Artes). Tem uma área de 5.820 m² e fica entre a Av. Pessoa Anta, Ruas Dragão do Mar, Almirante Tamandaré e Almirante Jaceguai. Em 1915, passa a ser denominada praça Fausto Barreto, médico e deputado pelo Ceará. Já na gestão de Álvaro Weyne, o nome muda para Almirante Saldanha, seu nome atual. A praça, ao lado do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, é popularmente conhecida por Alfândega ou por praça do Café Avião.



<https://goo.gl/maps/KZZcb4mLQfUqb6vq5>



Praça do Jardim Jatobá/ Praça do Parque São João

Localizada na divisa de Fortaleza com Maracanaú, esta praça recebe dupla denominação. Ela tanto é conhecida como Praça do Parque São João quanto por Praça do Jardim Jatobá. E é de responsabilidade do município de Maracanaú. Como infraestrutura disponibiliza equipamentos de ginástica para atividades



esportivas e uma quadra. Ao lado, um campo de futebol trás movimento para a praça, que é usada pela comunidade. Tempos atrás a praça chegou a oferecer água em um chafariz.

<https://goo.gl/maps/d1exRqb9VREzk5KX8>



Praça das Fontes/Praça Carlos Jereissati

Na cidade de Pacajus, a história da praça das Fontes ou da Fonte sempre é contada com boas lembranças. Localizada na Rua Cel. Joaquim Nogueira de Queiroz, Centro da cidade, próxima da igreja matriz, era uma alegria para os moradores, com três fontes e seus jatos d'água iluminados por luzes coloridas. A praça foi construída na gestão do prefeito José Wilson Chaves, entre 1984/1985 e mudou de nome para praça Carlos Jereissati, mas mantém uma pequena fonte. Para os moradores mais antigos e tradicionais, a praça original era mais romântica e mais bonita. E para quem estudou na Escola de Ensino Médio Padre Coriolano, localizada na Rua Tenente Joaquim Nogueira de Queiroz, bem próxima da praça.



<https://goo.gl/maps/3JN3mSxgomjPWhzo8>



Praça Dr. Raimundo Maciel de Brito

Na movimentação da Av. Humberto Monte, próximo da entrada do Campus do Pici, da Universidade Federal do Ceará, um recanto arborizado, em formato de ferro de engomar, chama a atenção de quem passa na avenida. É a praça Dr. Raimundo Maciel de Brito, que reconhece a contribuição deste cearense do Crato, onde nasceu, em 1934. Como poucos, soube ajudar os conterrâneos cratenses que se mudavam para Fortaleza. Advogado, Raimundo Maciel morreu muito jovem, em 1977, aos 43 anos de idade. Teve uma parada cardíaca quando presidia uma reunião no gabinete de trabalho, na condição de superintendente regional do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS), no Estado do Ceará.



<https://goo.gl/maps/Adu8FMWSBQCvW3LY9>



Praça Jonas Gomes de Freitas

A praça Jonas Gomes de Freitas fica atrás do North Shopping, na Rua Braz de Francesco, s/n, São Gerardo. Em 2018, o shopping promoveu e realizou o projeto Cores que transformam, em parceria com a Hidracor. A praça fica próxima ao estacionamento E7 e é considerada um importante ponto de encontro

para os frequentadores e moradores da vizinhança do shopping. A praça possui um bosque e ainda oferece espaços para a prática de atividades físicas. Além do contato com a natureza, os moradores e clientela contam com locais abertos para se reunir, aumentando a convivência. O projeto levou para a praça pintura lúdica no piso que circunda o local. Como vizinho, o Parque Raquel de Queiroz, a segunda maior área verde de Fortaleza, ficando atrás apenas do Parque do Cocó.



<https://goo.gl/maps/NBHjyRG3wWspxjcG8>



Esta obra foi composta na fonte Gandhi, tamanho 10-12,
edição digital pelas Edições Inesp em 2023.



ALECE

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA
DO ESTADO DO CEARÁ

Mesa Diretora

2023-2024

Deputado Evandro Leitão

Presidente

Deputado Fernando Santana

1º Vice-Presidente

Deputado Osmar Baquit

2º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira

1º Secretário

Deputada Juliana Lucena

2ª Secretária

Deputado João Jaime

3º Secretário

Deputado Dr. Oscar Rodrigues

4º Secretário

